A Liahona 236 junho 1970

Mensagem de Inspiração

Ezra Taft Benson
do Conselho dos Doze

Bastante oportuna **a admoestação de Paulo: "Revesti-vos de tôda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas dêste século, contra as hostes espirituais da maldade..." (Efésios 6:11-12)**

A correspondência e a palavra impressa que passam por minha mesa diariamente, proclamam a profunda preocupação e aflitivo temor de pessoas vigilantes, especialmente pais ansiosos, da minha própria pátria e de outras... nações,... temor de que possamos perder todos a quem queremos bem, e num futuro próximo.

Hoje em dia enfrentamos males insidiosos, devastadores campeando por tôda a parte... Tais males atrozes, destrutivos são atualmente revelados na música, nas artes, na perversão sexual e na chamada educação sexual... Êsses males destacam-se na promoção das drogas... em renomadas revistas e publicações clandestinas para a juventude, em programa de TV, rádio e cinema...

Podemos desbaratar as fôrças ímpias, ateístas que nos ameaçam. Sim, com ajuda do Deus Onipotente podemos — precisamos — vencer a batalha contra as fôrças malignas que parecem quase nos esmagar. As verdades eternas de Deus reveladas por meio de seus inspirados profetas, não mudaram e nem mudarão jamais. Enverguemos, pois, "tôda a armadura de Deus, para que (possamos) estar firmes contra as astutas ciladas do diabo." Não existe outro caminho para a segurança.

Deus não está morto. Êle vive, pois mostrou-se — junto com seu Amado Filho Jesus Cristo — em nossos dias.

Nêste Número

Mensagem de Inspiração. Ezra Taft Benson 2
Buscai Primeiro o Reino de Deus. Pres. David O. McKay 3
Moroni. Richard J. Mashall 5
As Bênçãos e o Poder do Sacerdócio. Mark E. Petersen 8
Conheci a Coragem. Jean Hart 11
Co-Autores das Regras de Fé? John W. Welch 14
Orgulho. Paul R. Cheesman 18
Iniciação. Reed H. Bradford 20
Pequeno Demais, Grande Demais. Sarah L. Johnson 23
O Jovem Pastor. Helen B. Gibbons 25
Juventude. Marion D. Hanks & Elaine Cannon 27
O Maior Privilégio. Marilyn M. Miller 28
Limpo — Que Palavra Maravilhosa. Richard L. Evans 29
A Arte de Inquerir. Stanley M. Grabowsky 30
Faça Como Eu Faço. Monroe & Shirley Paxman 32
Novos Progressos. 34
Um Templo no Brasil? R. Kent Mathews 35
A Poesia do Trivial. Richard L. Evans 36

Capa

Poucos eventos registrados no Livro de Mórmon têm gerado nos seus leitores mais fascínio e imagens do que as circunstâncias em que Moroni enterrou suas placas de ouro, por volta de 421 A. D.

Poucas descrições verbais do evento serão tão memoráveis quanto o quadro recentemente terminado: "Moroni Enterrando as Placas", o qual é reproduzido na capa dêste mês. A tela, encomendada pela Igreja, é de um conhecido ilustrador norte-americano, Tom Lovell, e será exposta nos centros de visitantes da Igreja em todo o mundo.

A Liahona 23.6 junho 1970

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel 80-9675

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
F. Máximo

Produtor
Aldo Francesconi

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel 80-4638

Redatores Regionais
R. Kent Mathews, Werner K. Sporl

Missão Brasileira do Sul
R. Dr. Flores, 105, 14.
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel 24-9748

Redatora Regional
Wilma Bing Torgan

Missão Brasileira do Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB
Tel 225-1839

Redator Regional
Walmir Silva

Missão de Construção Geral
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

Redator Regional
Manoel Marcelino Netto

Departamento Fotográfico
Rui Marques Bronze

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n. 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n. 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Gráfica Conlop, Travessa Maracatú, 27, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Os artigos publicados nas páginas dos redatores regionais são de responsabilidade dêles e dos seus eventuais colaboradores.

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr$ 10,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: NCr$ 1,00; exemplar atrazado: NCr$ 1,20. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

Buscai Primeiro o Reino de Deus

Presidente David O. McKay

(Êste artigo já se achava pronto quando o Presidente faleceu em 18 de janeiro de 1970)

O **que desejo dizer** pode ser melhor expresso numa sentença do Salvador extraída do Sermão da Montanha: "...buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e tôdas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mateus 6:38) Alguns comentaristas interpretam "estas coisas" como sendo as virtudes mencionadas nos versículos precedentes, enquanto que outros mais sensatamente entendem que, como tudo o mais que disse, referem-se à vida universal do homem. Prefiro aplicar as poucas máximas expressas por Jesus à vida pessoal dos filhos de Deus.

Jesus falava não apenas aos poucos que o seguiam, mas a tôda a humanidade. Esta admoestação de buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça pode ser aplicada a tôda gente de tôda parte, assegurando a todos que forem fiéis que as outras coisas necessárias e úteis lhes serão acrescentadas.

Entretanto, demasiado número de pessoas no mundo procuram meios de vida contrários à busca do reino de Deus. A vida, na verdade, está dividida em dois grandes planos: o animal e o espiritual. Se lançarem um olhar em redor, vocês verão muitas pessoas procurando deleitar-se no plano animal em vez de o fazerem no espiritual. De todo meu coração, da minha experiência de tantos anos, digo-lhes que proveito, satisfação, alegria e felicidade nesta vida são obtidos seguindo-se a admoestação de Jesus Cristo: buscar primeiro o seu reino.

Se pudesse expressar o que lhes desejo mais profundamente em meu coração, diria especialmente aos

...“se quiserem obter o maior sucesso e o mais elevado contentamento espiritual, terão que praticar os ideais do Evangelho de Jesus Cristo na vida cotidiana.”

meus jovens amigos e associados na Igreja bem como em todo o mundo que, se quiserem obter o maior sucesso e o mais elevado contentamento espiritual, terão que praticar os ideais do Evangelho de Jesus Cristo na vida cotidiana. Não hesito em fazer tal afirmação sem modificar uma única palavra. Sei que os resultados serão os que apontei. Êles os tornarão jovens mais vistosos — môças mais belas — porque os pensamentos modificam as feições; vocês poderão não ser os mais bonitos, mas irradiarão aquilo que torna os jovens simpáticos e as môças bonitas. Êles os tornarão filhos mais zelosos, estudantes mais sábios, namorados mais fiéis, companheiros mais desejáveis, amigos mais leais, membros mais úteis da sociedade, pais mais dignos de futuras famílias. Êles farão de vocês filhos de Deus mais triunfantes no preenchimento da medida da sua criação na terra.

Lembrem-se sempre de que existe algo mais elevado do que o intelecto, mais sublime do que a excelência. É aquêle algo que forma o homem; é aquêle algo que torna bela a mulher — o homem a serviço da humanidade, a mulher a serviço daqueles a quem ama. Aquilo em que o homem acredita de coração, o que transmite em tôdas as suas atividades e no que realmente crê, é o que êle realmente pensa. E o que realmente pensa êle vive. Para mudar os homens do mundo é preciso modificar seu modo de pensar. Os homens não ultrapassam seus ideais. Freqüentemente deixam de atingí-los, mas nunca vão além dêles.

“O futuro de qualquer nação poderá ser determinado,” afirmou um grande escritor, “pelo modo de pensar de seus jovens de 18 a 25 anos.”

Paulo o expressou de maneira diferente numa declaração plena de significado:

“Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne.

“Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e êstes opõem-se um ao outro: para que não façais o que quereis.” (Gal. 5:16-17)

Em seguida Paulo enumera as obras da carne que vocês conhecem:

“Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia,

“Idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias,

“Invejas, homicídios, bebedices, glutonarias, e coisas semelhantes a estas, acêrca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus.” (Gal. 5:19-21)

“Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça...” Isto se faz encorajando, pensando e vivendo os frutos do Espírito.

“Mas o fruto do Espírito é: caridade, gôzo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.

“Contra estas coisas não há lei.

“E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.

“Se vivemos em Espírito, andemos também em espírito.” (Gal. 5:22-25)

Todos nos movemos em mortalidade. Alguns perdem seu senso de direção; outros sensatamente dispõem de uma âncora, sendo esta o Evangelho de Jesus Cristo e seus ideais. Felicidade, segurança e um caráter superior ao intelecto — tudo isso emana do agarrar-se a esta âncora.

Ó, quão gloriosas são as oportunidades da juventude! Tornem essas oportunidades ainda mais brilhantes sendo fiéis a seus ideais. Assim fazendo, estarão sendo fiéis aos ideais espirituais da honestidade, virtude, castidade — a âncora da sua vida — proporcionando felicidade e paz à alma pela observância dêsses ideais na vida diária.

Tenho certeza de que vocês são mais felizes agindo assim. Não é uma crença, nem tampouco uma admoestação. Terão todo o gôzo e tôda a felicidade se agirem conforme êsses ideais.

Que Deus os ajude a estarem assim ancorados.

MORONI

Richard J. Marshall

Quem quer que jamais tenha lido o Livro de Mórmon, não pode deixar de ponderar sôbre as circunstâncias em que Moroni finalmente enterrou as placas de ouro no Monte Cumôra. Em qual estação do ano selou êle as placas, as quais não foram reveladas aos olhos mortais até que êle pessoalmente, as mostrou ao jovem Joseph Smith, quatorze séculos mais tarde?

Os leitores do Livro de Mórmon, e todos os que vêm a saber da sua mensagem, podem apreciar as circunstâncias sugeridas na cena recentemente ilustrada. Os poucos fatos conhecidos dêste evento foram reunidos por meio de cuidadosa conjectura pelo destacado ilustrador norte-americano, Tom Lovell. Suas tintas e matizes retratam Moroni ajoelhado sôbre a neve, uma figura solitária contra um fundo de grandes árvores taciturnas. É um momento majestoso, quando Moroni junta as mãos, colocando-as sôbre os registros sagrados, ergue a cabeça e de olhos fechados oferece a sua oração, talvez uma dedicação dêste esconderijo secreto e do seu sagrado conteúdo. As placas metálicas refletem o luar. A espada de Labão é vista em silhueta. A terra, escavada de fresco, derrama-se sôbre a neve.

Não obstante, observe-se que esta não é a desalentada figura de um homem desesperado, o único sobrevivente de uma nação inteira. Os braços nús são os de um guerreiro; a face erguida mostra a fôrça calma de um profeta. Êste é o homem que escreveu: "...achando-me eu sem amigos e sem saber para onde ir; e até quando o Senhor permitirá que eu viva, não o sei." (Mórmon 8:5)

Por que o cabelo grisalho? Por que os andrajos? Êle já não é jovem. Estudiosos do Livro de Mórmon têm salientado que embora Moroni talvez fôsse jovem quando sobreviveu à última grande batalha de Cumôra, a qual teve lugar entre 385 e 400 A. D., escoaram-se 36 anos após os preparativos finais para as guerras de Cumôra antes que êle registrasse seus últimos escritos. Seu pai aparentemente estava em seu septuagésimo quarto ano de vida quando, em 384 A. D. anunciou que "...principiei a envelhecer..." Moroni estaria na casa dos vinte, ou talvez menos; e possìvelmente em seus trinta ou quarenta anos quando encarregou-se dos dez mil de Cumôra. Após a batalha final, Moroni não tinha qualquer morada da qual se tenha notícia, nem onde reclinar a cabeça; andou errante, cuidando de não cair nas mortais mãos dos lamanitas. Sua roupa não mais denota a cultura e o refinamento dos nefitas. Poderia ter sido simplesmente peles de animais. Entretanto, no seu braço usa o mesmo notável bracelete que vimos no braço de seu pai, Mórmon, numa pin-

Richard J. Marshall coordena para a Igreja a criação da maioria dos trabalhos artísticos e materiais para exibições usados nos centros para visitantes da Igreja.

tura anterior. (A Liahona, outubro de 1968, reproduziu na capa um detalhe dessa pintura.)

O único sinal da sua erudição são as placas. Na verdade, Moroni foi um homem instruido, que escreveu: "E eis que escrevemos êstes anais de acôrdo com o nosso conhecimento, em caracteres denominados por nós egípcio reformado, e nos foram transmitidos e alterados por nós segundo a nossa maneira de falar.

"E, se nossas placas tivessem sido suficientemente grandes, tê-las-íamos escrito em hebraico, mas o hebraico também foi alterado por nós; e se tivéssemos podido escrever em hebraico, não encontraríeis imperfeições em nossos registros." (Mórmon 9:32-33)

Alguns leitores apontam que por volta de 400 A. D., Moroni parece terminar o livro, supondo que talvez êste fôsse o final do seu registro, dizendo: "E eis que termino o que tenho a dizer a respeito dêste povo. Sou filho de Mórmon e descendente de Néfi." (Mórmon 8:13) Tendo terminado sua história, como supunha, poderia ter guardado as placas para a elas retornar posteriormente e registrar mais alguns escritos, traduções e resumos. Ou talvez tivesse guardado consigo as placas durante suas andanças.

O Presidente Brigham Young disse a Warren S. Snow, quando ambos estavam sôbre o sítio do templo de Manti, em 25 de abril de 1877: "Eis o lugar onde esteve o profeta Moroni, e dedicou êste terreno à edificação de um templo, e esta é a razão de o localizarmos aqui, e não podermos nos mover daqui." Em consequência, parece que Moroni teve considerável tempo para contemplar a importância do seu chamado como guardião dos registros sagrados.

Alguns têm sugerido que Moroni de início possa ter terminado seus

Os esboços de Tom Lovell mostram o desenvolvimento da concepção da tela. Observe-se as experiências feitas quanto à perspectiva e à posição da cabeça. (Os esboços não estão na ordem de execução.)

escritos em Mórmon 8:13. Mais adiante isto é confirmado, pois continua a escrever muito tempo após ter indicado que "pouco me resta escrever" e terminara de falar sôbre êsse povo. (Mórmon 8:1, 13) Após fazer êstes comentários, não obstante, Moroni acrescenta considerável extensão ao Livro de Mórmon, sugerindo que o fêz em algum tempo posterior: Acrescenta o longo capítulo 9 de Mórmon, junta sua tradução dos escritos de Éter, e conclui com um livro final que leva o seu nome. A última data mencionada corresponde a 421 A. D.

Assim, é um homem mais velho e mais sábio que se ajoelha na neve e se prepara para esconder esta segunda testemunha de Cristo — um homem solitário, talvez, mas alguém que jamais falhou em seu testemunho: "E eu, Moroni, jamais negarei a Cristo..." (Moroni 1:3)

Era êste o mortal que havia de se tornar o anjo visto em visão por João, o Revelador, e que "tinha o Evangelho eterno para o proclamar aos que habitam sôbre a terra..." (Apocalípse 14:6) O reconhecimento dos santos dos últimos dias de que Moroni foi verdadeiramente o anjo referido na antiguidade por João foi também corroborado ao Profeta Joseph Smith em Hiram, Ohio, a 3 de novembro de 1831, quando o Senhor lhe revelou: "...ó habitantes da terra, enviei o meu anjo voando pelo meio do céu, tendo o Evangelho eterno, que apareceu a alguns e o entregou ao homem..." (Doutrina e Convênios 133:36)

Irônicamente, a despedida de Moroni no seu capítulo final é "para meus irmãos, os lamanitas." (Moroni 10:1) e testifica-lhes de Cristo e lança-lhes sua grande exortação no versículo 4, a qual é uma citação freqüentemente usada pelos missionários santos dos últimos dias para ajudar os conversos em perspectiva a obterem testemunhos do Livro de Mórmon.

Na nova tela de Lovell, êste errante profeta guerreiro não parece tão desalentado nem tão solitário quando sua grande saudação — o versículo final de todos os seus escritos — é lida: "E, agora, despeço-me de todos. Cedo descansarei no paraíso de Deus, até que meu espírito e meu corpo se reunam de nôvo e eu seja carregado triunfante pelo ar, para encontrar-me convosco no agradável tribunal do grande Jeová, o Juiz Eterno, tanto de vivos como de mortos. Amém." (Moroni 10:35)

As Bênçãos e o

O Sacerdócio é o fundamento, divinamente estabelecido de uma vida familiar feliz. O Senhor está disposto a abençoar tôda família merecedora. O Sacerdócio começará a abençoar tôda família na medida em que ela venha a entender e a viver o Evangelho de Jesus Cristo, seja ela recém-convertida no campo missionário ou pertença à Igreja há gerações.

Isto é especialmente salientado nas ordenanças do templo. Quando entendemos os fatos de nossa religião inspirada e encaramos o casamento no templo em sua verdadeira perspectiva, reconhecemos nesta ordenança o alicerce do genuíno sucesso da vida familiar. É a base sôbre a qual edificamos a verdadeira felicidade nesta vida e a exaltação na vida vindoura. Assegura a tôda a família a presença do Sacerdócio no lar e, quando entendido devidamente, abre as portas para um viver correto, temente a Deus, como nada mais o pode igualar. E quando existe tal vivência do Evangelho, estão asseguradas tôdas as bênçãos resultantes. É então que realmente se abrem as janelas celestes e tais bênçãos se derramam sôbre nós em tal profusão que mal as podemos abarcar.

Em nossos sagrados templos as bênçãos dos céus são concedidas aos realmente fiéis e dêsse lugar sagrado podem ser levadas aos nossos lares para a edificação de uma vida familiar mais vigorosa, além de mais ternas e sagradas relações entre os cônjuges. As bênçãos das ordenanças sacerdotais do templo são idênticas para homens e mulheres. Não existe nenhuma diferença. No casamento, quando são conferidas as bênçãos do selamento, estas são concedidas igualmente ao homem e à mulher. Os convênios de obediência, administrados através do Evangelho, também são iguais para homens e mulheres. Não existe a mínima diferença. Não temos dois padrões em nossa Igreja. E as bênçãos prometidas são igualmente as mesmas. Quando o Senhor diz ao obediente que abrirá as janelas dos céus e derramará tantas bênçãos que será difícil abarcá-las, êle faz distinção concedendo algumas ao homem e outras à mulher? Deus não faz acepção de pessoas.

Por isso, quando um jovem casal, por exemplo, inicia sua vida matrimonial num templo de Deus, êles conjuntamente fazem os mesmos convênios sob o Sacerdócio e recebem as mesmas promessas de divina beneficiência.

Se levarem êsse Sacerdócio com êles para seu lar recém-constituído, o que isto significa? Significa introduzir ali literalmente o poder de Deus — seu convênio de abençoar aquêle lar — e seu poder de proteger, edificar e santificá-lo — sua influência restauradora em casos de doença — sua inspiração para ensinar as crianças — sua influência santificadora que pode transformar cada lar em um templo — um lugar de refúgio — um tabernáculo de paz. Quando um tal lar é estabelecido, êle é mais do que uma residência onde a família se alimenta, dorme e guarda o carro. É o início de um relacionamento eterno pelo qual a família é selada para sempre.

Detenham-se por um pouco e considerem o seguinte: Marido e espôsa são selados para a eternidade — por meio do quê? Do santo Sacerdócio. Os filhos são selados a seus pais através da vida, da morte e da ressurreição. Por intermédio de que poder? Do Sacerdócio. Quando as crianças adoecem — por qual poder são elas abençoadas e restabelecidas dentro do próprio lar? Pelo poder do Sacerdócio. E quando a morte invade o círculo familiar, qual o poder que retém os entes queridos dentro dêsse círculo até que chegue a época da reunião festiva no além? O poder do Sacerdócio.

Tôdas as fases da vida familiar são afetadas pelo poder do Sacerdócio se vivermos o Evangelho. As regras da vida familiar em tais lares harmonizam-se com os padrões sacerdotais estabelecidos por Deus, por intermédio de seus servos divinamente autorizados. Os lares em que se fazem orações familiares sob a influência do Sacerdócio tornam-se assim santuários de instrução divina, onde se brinca e canta numa atmosfera salutar favorecida pelo Sacerdócio.

Tôda criança, como uma planta tenra, poderá ser guiada, influenciada e ensinada a andar pelos caminhos da retidão sob a influência do Sacerdócio.

A fôrça da pureza e o efeito debilitante do pecado podem ser contrastados à luz do Sacerdócio. A Palavra de Sabedoria é apreciada; cas-

Poder do Sacerdócio

Mark E. Peterson
do Conselho dos Doze

Discurso proferido na seção da junta de estaca da Conferência Geral Anual da Sociedade de Socorro, de 2 de outubro de 1969.

tidade torna-se a senha; honestidade é um padrão invariável — tudo isso sob os auspícios do Sacerdócio.

Em tal círculo familiar a espiritualidade aparece por si. Não pode haver verdadeira alegria sem Deus. O testemunho desta grande verdade virá a cada pessoa num lar assim porque Deus faz parte dêle. Sua influência está ali. Sua alegria, sua paz, sua profunda satisfação, sua prosperidade, sua proteção, sua inteligência radiante servindo de luz para nossa mente, tudo isso ali está.

E à medida que as crianças crescem e recebem elas próprias as bênçãos do Sacerdócio, observamos uma contínua expansão do sagrado poder de Deus, geração após geração, até que na verdade nos tornemos uma nação santa, um povo peculiar manifestando as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. (Veja I Pedro 2:9)

Portanto, não deveríamos nos esforçar então por introduzir o poder do Sacerdócio em todos os lares e honrar êsse Sacerdócio por tôda a vida? O Sacerdócio é definido como o poder de Deus transmitido à humanidade. Não deveríamos tornar êsse poder e sua divina influência uma parte de todo lar? Não deveriam os maridos honrar e magnificar êsse Sacerdócio? Não deveriam os filhos procurar obtê-lo pela devida ordenação e também honrá-lo e magnificá-lo? E não deveria tôda mãe, espôsa e filha igualmente honrar êste poder divino conferido ao marido, filho, pai ou irmão? E por que devem a espôsa ou mãe ou filha assim honrarem êsse Sacerdócio? Porque o Sacerdócio dentro do lar, considerado devidamente, tem uma influência santificadora, e tôda espôsa, mãe e filha será abençoada através do espírito de paz que êle provê. Onde o Sacerdócio é adequadamente entendido e honrado, e onde sua influência habita, não haverá querelas familiares, nem lares desfeitos, nem logros, nem infidelidade e nem divórcio. Antes haverá harmonia e felicidade.

Não é Cristo o Príncipe da Paz, e não é dêle o Sacerdócio? Não é êle, em verdade, aquêle que é segundo a sagrada Ordem do Filho de Deus? (Veja Isaías 9:6 e D&C 107:3) Portanto, procuremos todos trazê-lo para dentro do nosso lar, reconhecendo nêle a fonte de paz e felicidade.

Assim, irmãs, encorajem seus maridos a magnificarem o Sacerdócio agindo apropriadamente no ofício para o qual foram chamados. Ensinem seus filhos a aguardarem ansiosamente o dia da ordenação, a fim de que também êles consigam entender seu real sentido e o honrem. Encorajem seus esposos a presidirem dignamente seu lar. Reconheçam-nos como presidentes sacerdotais da família. Isto lhes pagará altos dividendos em harmonia no lar. Usem de sua influência para ajudá-los a ser o tipo de patriarca familiar que vocês desejariam que fôssem.

A paz provém de Deus. Êle é a única fonte. Seus maridos, assim como vocês próprias, são servos de Deus. O poder que receberam através da ordenação é a chave para a paz. Vocês, irmãs, ajudem a acionar essa chave para descerrar as bênçãos dos céus para o lar que possuem. Façam-no dignificando vocês mesmas o Sacerdócio de Deus, e encorajando seus esposos a magnificá-lo em sua vida cotidiana, no lar, no trabalho e na Igreja.

É realmente lamentável que alguns homens desonrem seu Sacerdócio, e que o façam de tantas maneiras. Isto não ocorre apenas devido aos atos criminosos de que alguns são culpados nem devido à falta de castidade, à desonestidade, ou mesmo à apostasia. De outras maneiras isto ocorre mais freqüentemente. Por exemplo, há poucos hábitos mais indignos de um homem do que a crueldade no lar, a descortesia para com a espôsa e filhos da parte do marido ou pai que se considera um ditador doméstico e pensa que "o rei nunca erra". Certos homens tentam elevar sua própria importância diminuindo suas espôsas e filhos, mesmo perante terceiros, fazendo-os aparecer como pessoas inferiores, de segunda classe. Tal falta de respeito só pode provocar ressentimentos e muitas coisas mais, em casos extremos levar até mesmo ao divórcio.

Assim como nada impuro pode entrar no reino dos céus, também os que demonstram falta de bondade nunca lá poderão entrar. O merecemos sòmente pela humildade e sincera obediência às leis de Jesus Cristo, que amava tôdas as criancinhas e tratava tôdas as mulheres — mesmo as pecadoras — com respeito.

Jesus Cristo é o Príncipe da Paz, e a sua paz inclui a paz no lar. Foi êle que nos ensinou a sermos bondosos uns com os outros, e também isto inclui o lar. Pregou o perdão, a paciência, a longanimidade, tôdas essas virtudes que são melhor exercidas no lar. Alguém supõe que qualquer pessoa possa ir à presença dêle sem tais atributos básicos?

Não obstante, essas violações são quase que habituais em certos lares. E quando irmãos criam tais condições no lar por seu próprio egoísmo e falta de visão, estão desonrando e profanando o Sacerdócio de que são portadores.

As violações ocultas das leis de Deus não deixam de ser infração aos seus mandamentos, e o fato de que ocorrem dentro das quatro paredes de um lar e não em público, não diminuem nem um pouco sua gravidade. Certos homens demonstram uma conduta piedosa em público, mas em casa são justamente o opôsto. Êstes desonram seu Sacerdócio de forma extremamente hipócrita, e Deus despreza a hipocrisia.

Os homens não sòmente devem ser bondosos para com a espôsa e filhos, tratando-os com amorosa consideração, mas pelo exemplo têm que ensiná-los a fazer o mesmo.

O respeito pelo sexo feminino é parte integrante do honrar o Sacerdócio. Uma vez que o Sacerdócio é realmente segundo a ordem do Filho de Deus, os atributos dêste devem caracterizar todos os que pertençam a tal ordem.

É preciso lembrar "que os direitos do Sacerdócio são inseparàvelmente ligados aos poderes dos céus, e que os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelo princípio da retidão.

"É certo que êsse poder pode ser conferido sôbre nós; mas, quando tentamos encobrir os nossos pecados ou satisfazer o nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer contrôle ou domínio ou coação sôbre as almas dos filhos dos homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; O Espírito do Senhor se magoa; e, quando se afasta, amém para o Sacerdócio ou a autoridade daquele homem." (D&C 121: 36-37)

É bom que leiamos em casa ao ensinarmos aos nossos filhos, ao marido, algumas das suas responsabilidades com respeito ao Sacerdócio. Pois quando êsse poder divino é reconhecido como aquilo que realmente é, sendo respeitado tanto pelos pais como pelos filhos, êle trará a cada família um gôzo indescritível nesta vida e a continuidade dos vínculos familiares por tôda a eternidade.

Em certo sentido, o lar é um ramo miniatura da Igreja. Nêle deveria prevalecer o programa da Igreja e o Sacerdócio presidir em amor e retidão, existindo amor e harmonia entre todos os que o compõem. O Evangelho deveria ser pregado alí ainda mais efetivamente do que em outro lugar qualquer. E isto deve ocorrer numa atmosfera agradável. É em tais circunstâncias que as crianças aprendem a amar e a apreciar o Evangelho, mas lembremo-nos, elas obedecerão ao Evangelho apenas se o apreciarem.

Sabemos que há circunstâncias que privam muitas famílias da presença diária do Sacerdócio no lar. Em certos casos, o pai não é membro da Igreja. Em outros, o espôso e pai já faleceu. E além dêsses, existem muitas mulheres dignas que ainda não encontraram a oportunidade para um casamento recomendável. Mas mesmo nessas famílias os poderes do Sacerdócio podem ser apreciados. Espôsas e mães conscienciosas podem ensinar os filhos a orar, a crer e viver o Evangelho. Tôdas as irmãs podem solicitar a ministração do respectivo bispo, que é o pai da ala tôda. Tais irmãs também devem usufruir da ministração de seus mestres familiares, cuja influência poderá ser sentida contìnuamente, não só nas freqüentes visitas sacerdotais, mas por sua constante proximidade e disponibilidade para todos os lares da ala ou ramo. Êsses irmãos poderão ser chamados para abençoar quando se faz necessário. Podem aconselhar e orientar. Nenhuma família na Igreja precisa prescindir da orientação inspirada do Sacerdócio de Deus.

Reconheçamos, pois, o Sacerdócio como aquilo que é — o poder de Deus que nos é concedido nesta vida mortal. E não nos esqueçamos do seu propósito — abençoar, guiar, exaltar, e assegurar a todos os lares a onipresença de Deus, não sòmente através do poder de seu Santo Espírito, mas igualmente pela presença física de seus servos devidamente ordenados.

Conheci a Coragem

Jean Hart

Violenta dor ardia em meu peito contrastando agudamente com o temor gélido que feria meu coração. Deitada ali na imensa, solitária, negra e interminável noite, eu tentava fazer-me encarar a possibilidade de estar sofrendo de câncer.

Nos dias e noites insones, cheias de dor e mêdo que se seguiram, achei-me pensando constantemente em como seria a morte. Mas era outro drama, ocorrido um ano antes, que tornava êsse pensamento mais pungente. Pois só agora compreendia realmente a serenidade e a grandeza da coragem de Greg.

Greg era um rapaz de 17 anos, alto, simpático, bonito, além de ótimo corredor. Cinco anos antes, quando anunciara sua decisão de seguir a tradição familiar de competir nas corridas de milha, meu coração desfalecera. Êle não dispunha de boa coordenação, por isso antevia sòmente sofrimentos confrangedores. Sua vida já lhe proporcionara suficientes experiências semelhantes, achava eu, pois tudo que se propunha fazer exigia-lhe muito empenho; as coisas conspiravam contra êle, tornando tudo que desejava uma luta árdua. Não obstante, em lugar de desistir, isto parecia levá-lo a esforçar-se com mais afinco.

Quanto às corridas, em vez de empregar o método habitual de treinar apenas durante as temporadas, êle o fazia durante o ano inteiro. Negava a si mesmo rigorosamente qualquer comida ou atividade que pudesse prejudicar sua forma. Passou os verões trabalhando na fazenda de criação de gado do avô. Após passar um dia estafante nos campos de feno, cuidava ainda duma grande horta que insistira em plantar e depois saía para longas corridas de treinamento nas colinas próximas à fazenda.

Todos lhe imploravam que deixasse de exigir tanto de si mesmo, preocupados com o rigoroso programa que estabelecera, mas em vão. Greg era um perfeccionista e decidira que tal treinamento lhe daria o vigor e a resistência necessários a um corredor.

Ao retornar da fazenda para volta à escola, sua aparência não era boa e parecia sempre cansado. Desde a época em que tivera febre reumática, ainda criança, nós observávamos seu coração com bastante cuidado. Por desencargo de consciência, fizemo-lo submeter-se a um cardiograma e completo exame físico. Todos os testes indicaram que não havia nada errado. Sabíamos que se esforçara demais durante todo o verão, supondo assim que êste seria o motivo de estar com má aparência e sentindo-se não muito bem.

A temporada das corridas de longa distância começou e Greg continuou a exaurir-se impiedosamente. Todos os dias depois das aulas, vinha para casa, trocava de roupa e sentava-se na cozinha durante alguns instantes, conversando sôbre o que acontecera durante o dia, enquanto atava suas pesadas botas de montanhês. Diàriamente corria pelas montanhas usando essas pesadas botinas para desenvolver suas fôrças e resistência. Brincava sôbre o fato de quão fácil parecia correr em competições com calçado próprio para pistas depois de treinar com botinas pesadas. Havia outro motivo para seu treinamento nas montanhas; êle amava a natureza e dependia dessas horas nas montanhas para refazer sua alma enquanto adestrava o corpo.

Naquela tarde de outubro Greg parecia excepcionalmente cansado, comentando a dor que sentia na coxa esquerda. Perguntava-se o que fizera para provocar tal

...“após longo tempo veria a vida se ir depois de dolorosas lutas.”

sintoma. Entretanto, não lhe era estranho sentir músculos doloridos; os esportistas parecem estar quase sempre assim, por isso já se acostumara. Mas o incomum fôra êle deixar-se dissuadir de treinar nesse dia.

Uma corrida importante para a escola estava programada para daí a alguns dias. Embora admitisse não gostar de forçar mais a perna contundida, êle insistiu em participar. Durante a competição sua perna falhou completamente, provocando-lhe dores lancinantes. Quando o levamos ao médico, Greg contou como sua perna cedera durante a corrida. O médico constatou uma luxação muscular e explicou-lhe que isto continuaria a provocar dores; levaria muito tempo para sarar e provàvelmente Greg não poderia voltar a correr. Foi obrigado a andar de muletas.

Como sempre, Greg reagiu com a determinação de encontrar um meio de recuperar a perna para que algum dia pudesse voltar a competir.

O médico lhe ordenara voltar para um nôvo exame. Na escola, alguém tropeçou na muleta enquanto êle descia a escada, fazendo-o rolar por ela abaixo. Sentiu uma dor intensa, mas achando que seria sòmente uma questão de ser cuidadoso e de tempo para que o músculo se refizesse uma vez mais, Greg não voltou a procurar o médico. Revestiu-se de coragem para aguentar o sofrimento, mas a cada dia sua aparência piorava além de estar perdendo pêso rapidamente. O sofrimento que transparecia em seu olhar e seu corpo devastado nos diziam quão excruciante sua dor realmente era.

Quando finalmente voltamos a procurar o médico, descobriu-se que o tal “músculo distendido” era na verdade um sarcoma osteogênico (câncer ósseo). Sua perna esquerda teve de ser amputada perto dos quadris.

Greg enfrentava a reconstrução de uma vida e sonhos destroçados. Como convencer, em dezembro, um rapaz de 17 anos de que ainda poderia levar uma vida satisfatória, um rapaz que em agôsto saíra pela primeira vez com sua namorada e fôra ao primeiro baile; que estava justamente aprendendo a guiar; que experimentara seus primeiros sucessos no esporte e era um dos competidores favoritos no campeonato dos 1500 m; e que após longo, longo tempo veria a vida se ir depois de dolorosas lutas.

Uma vez que se tornara necessário amputar a perna bem em cima, Greg ficou com um tôco de menos de dez centímetros — um tanto insuficiente para adaptar a prótese. Como tinha pernas longas, manipular uma perna mecânica era um problema difícil.

Êle levou algum tempo para descobrir uma maneira de conseguir sentar-se atraz do volante. Em virtude do côto diminuto, o membro artificial perdia a sucção quando se sentava ereto. Por isso apoiava o corpo na anca oposta, conseqüentemente entortando a coluna vertebral. Isto resultou em dores atrozes. Temia constantemente que a prótese se soltasse enquanto fora de casa.

Os médicos haviam aconselhado sua volta à escola e convivência com outros o mais cedo possível, mas Greg estava decidido a não fazê-lo até que conseguisse andar razoàvelmente.

Será que alguém já se deteve em refletir sôbre quão complexo é o simples processo de andar? Juntos estudamos como se anda. Eu andava pelo quarto e êle seguia tentando imitar os movimentos naturais com a perna mecânica. Hora após hora, dia após dia, êle continuava se exercitando, parando sòmente por pura exaustão.

Finalmente chegou o dia aprazado que estabelecêramos para sua volta às aulas, o início do semestre da primavera. Êle sabia que todos o observavam. Além dos obstáculos de caráter psicológico, enfrentava novos riscos físicos, como as rampas e escadas da escola.

Greg ressentia-se de qualquer tentativa de considerá-lo menos independente do que antes da amputação. Não admitia concessões especiais, embora as necessitasse desesperadamente. Ninguém jamais poderá saber, estou certa, os tormentos mentais que uma pessoa nessas condições tem de suportar. Creio que o sofrimento físico é comparativamente insignificante.

Ter que ser levado de carro onde quer que fôsse, passar pelos corredores que treinavam na pista tôdas as tardes ao sair da escola, e não mais poder correr por suas queridas montanhas, eram apenas alguns dos espinhos que o magoavam.

Vislumbrei o grau de sua frustração e o completo domínio que exercia sôbre ela certo dia, quando conseguiu convencer-me a levá-lo às encostas montanhosas que costumava percorrer. A neve ali estava funda, mas insistiu em subir a encosta sem prótese, apoiado apenas nas muletas. Lembrava uma grande e nobre ave de asas partidas tentando voar ainda assim. Tive vontade de correr escarpa acima gritando: “Por que? por que? por que?” Mas quando voltou para junto do carro, calmamente sacudiu a neve da calça dizendo: “Podemos ir, mamãe?” Ao chegarmos em casa, pôs-se a remover a neve da calçada e da entrada de carro.

..."Sempre há tempo para morrer mas nem sempre há tempo para viver."

Greg conseguiu ajustar-se da mesma forma como superara todos os demais obstáculos em sua vida. Ninguém chegara a esperar que se saisse tão bem. Não satisfeito com isso, pôs-se a vencer seus amigos na natação e na luta corpo a corpo.

Por ocasião da operação, disseram-nos que êle sofria de um tipo de câncer particularmente insidioso que em três de cada quatro casos ataca também os pulmões tornando-se fatal. Mas sempre nos consideramos a exceção à regra.

Greg não o foi. Ao voltar para o exame radiológico após três meses, os médicos constataram formações cancerosas em ambos os pulmões. Desde o início Greg conhecia o risco que corria. Agora sabia que não havia possibilidade de cura, uma vez que a cirurgia estava fora de cogitação, e qualquer tratamento meramente retardaria a proliferação do mal, se é que o conseguisse.

Até então eu fôra capaz de animá-lo, mas agora não sabia mais o que dizer. Seria um insulto à sua honestidade e franqueza afirmar que havia esperança quando ambos sabíamos que não restava nenhuma. Senti-me abjetamente desolada.

Greg pouco falou durante o caminho para casa. Ao chegarmos, o melhor amigo de Greg estava lá ajudando seu irmãozinho a empinar um papagaio no vento primaveril. Naquele momento, o pequeno, cansado da brincadeira saiu correndo, largando ali o papagaio. Greg gostava de ver tudo em perfeita ordem, por isso apanhou o papagaio soltando o fio, e êste começou a subir. Logo pediu mais linha. O papagaio ia subindo, subindo, e mais uma vez pediu um nôvo novelo. Então já o papagaio era apenas um pontinho no céu e todos estávamos arquejantes com a vertiginosa altura a que subira.

Greg, voltando-se para mim, disse:

— Um nôvo recorde, mamãe.

Compreendi que não falava sòmente do papagaio.

O fim de semana que se seguiu foi de completa depressão. No domingo à noite quando os outros familiares já se haviam recolhido, ficando sòmente Greg, seu pai e eu, nossos débeis esforços de manter uma conversa animada finalmente atolaram-se em muda melancolia e pesar. Finalmente Greg falou:

— Não posso continuar dêsse jeito. Tenho que continuar planejando viver. Sempre há tempo para morrer, mas nem sempre há tempo para viver.

E Greg continuou "planejando viver". Êle tinha aparelhos de exercício para fortalecer os músculos. Até o fim continuou seus exercícios, por mais débeis que fôssem, a fim de refazer os músculos dos braços e da única perna.

Ao contrário do que ocorrera com êle, a mim foram dadas tréguas, pois a dor que sentia no peito provou-se ser de origem emocional. Entrementes, fui levada a compreender a verdadeira natureza da coragem de Greg. Não se tratava da coragem do heroísmo de batalha incitada pelo mêdo; pelo contrário, era calma, calculada, crua.

Sim, eu vi a **Coragem.** Eu a vi em Greg, que manteve uma expressão calma quando contei a êle, um exímio corredor, que teria de sacrificar a perna. Eu a vi, quando desafiadoramente escalou a encosta com uma só perna afundando na neve até os quadris. Eu a vi em sua face, sempre calma, ao saber do médico que lhe restavam sòmente uns poucos meses até morrer de câncer pulmonar. Eu a vi quando chegamos em casa e, em face da sentença de morte, êle empinou um papagaio levando-o a novas e simbólicas alturas.

Eu vi a **Coragem,** ao vê-lo viver nobremente até os momentos finais em centenas de palavras e maneiras terrenas, indômito sob as terríveis dores e temor que agora posso aquilatar.

Ditou-me um último assentamento para seu diário — seu próprio testemunho:

"A vida tem sido boa para mim. Embora tenha tido muitos desapontamentos, tive também muitas, muitas satisfações. Um dos piores tipos de tortura de que me lembro é a tortura mental... a monotonia de permanecer no mesmo lugar. No sábado, 1.º de agôsto, minha alma estava perturbada. Era-me difícil conseguir respirar, e tôda tentativa causava-me dor. Agora sobreveio-me uma sensação de paz, e sinto como se tôdas as noites fôssem domingo à noite. (As noites de domingo eram noites familiares especiais para nós) Minhas orações têm sido respondidas muitas vêzes, e sou grato ao Senhor pelas muitas bênçãos concedidas. De alguma forma, os meros esportes físicos que antes eu valorizava tanto, parecem um nada comparados às tarefas que logo terei de enfrentar. Despeço-me do leitor desejando que Deus o abençoe. Não sinto nenhuma amargura, nem qualquer malícia, pois sei sem dúvida que esta é a vontade do Senhor. Sei com certeza que o Senhor vive. E sei também que sòmente através da obediência aos seus mandamentos podemos ser felizes na terra."

Sim, eu conheci a **Coragem.**

Joseph Smith

Quando comparamos um sumário das verdades do Evangelho contido nas Regras de Fé com os inspirados escritos de Paulo podemos ser levados a perguntar: Foram os profetas das duas dispensações...

Co-Autores das Regras de Fé?

Paulo de Tarso

John W. Welch

Contràriamente à opinião geral, grande parte das Regras de Fé foi redigida muito antes de ser assinada e enviada a carta de Joseph Smith a Wentworth em 1842.

De fato, foram escritas mesmo antes de Joseph Smith ter nascido. Embora não estivessem suscintamente dispostas em 13 tópicos ordenados, as Regras de Fé já foram incluídas, direta ou indiretamente, nas epístolas de Paulo. O gênio de Joseph Smith transparece em sua habilidade de isolar e condensar os elementos vitais do Evangelho dos escritos de Paulo, os quais têm sido considerados "difíceis de entender" desde os dias de Pedro. (2 Pedro 3:16)

A marcante concordância das Regras de Fé com as epístolas de Paulo é consistente com o tipo de comissão divina que ambos receberam. Joseph Smith foi chamado para restaurar o Evangelho. Sua tarefa era a de ensinar e acentuar todos os princípios eternos do Evangelho como haviam sido ensinados e afirmados na primitiva Igreja Apostólica. Paulo também fôra chamado para pregar o Evangelho, particularmente aos gentios. Seu conhecimento acêrca dos sêres celestiais e sua conversão à verdade resultaram de uma visitação de Jesus Cristo a êle, de maneira muito parecida à que teve Joseph Smith em 1820. À luz das experiências e responsabilidades semelhantes dêsses dois homens inspirados, não surpreende que suas crenças e valôres fundamentais sejam quase que idênticos.

O nome de Paulo apropriadamente aparece na última Regra de Fé, lembrando uma assinatura de co-autoria. A décima terceira Regra de Fé diz:

"Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens; na realidade, podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo — Cremos em tôdas as coisas e confiamos em tôdas as coisas, temos suportado muitas coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos."

A "admoestação de Paulo" referida encontra-se em 1 Coríntios 13:7: "(O amor) tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." A semelhança extraordinária desponta imediatamente. A última frase dessa mesma regra de fé provém de outra admoestação de Paulo:

"Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é

puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai." (Filipenses 4:8)

Primeira Regra de Fé: a Divindade

À primeira Regra de Fé também corresponde diretamente a uma passagem em Paulo. A regra diz:

"Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo."

Que Paulo também acreditava no conceito da Divindade como o fazia Joseph Smith está claramente demonstrado em 2 Coríntios, onde Paulo não só distingue entre os três membros da Divindade mas menciona uma das funções específicas de cada um:

"A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos." (II Cor. 13:13)

Quarta Regra de Fé: Primeiros Princípios e Ordenanças

Esta regra esboça os primeiros princípios e ordenanças do Evangelho, os quais geralmente consideramos singularmente mórmons.

"Cremos que os primeiros princípios e ordenanças do Evangelho são: primeiro, fé no Senhor Jesus Cristo; segundo, arrependimento; terceiro, batismo por imersão para remissão dos pecados; quarto, imposição das mãos para o dom do Espírito Santo."

Após arrazoar com os primitivos conversos da igreja, Paulo começa falando dos "primeiros rudimentos das palavras de Deus." (Hebreus 5:12) Em seguida, dizendo aos membros que precisam passar da dieta de leite dos primeiros princípios para uma de alimentos sólidos, êle enumera o que considera sejam tais primeiros princípios:

"...O fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos, e da ressurreição dos mortos e do juízo eterno." (Hebreus 6:1,2)

Também nesse caso os primeiros princípios do Evangelho são representados palavra por palavra quase que exatamente da mesma forma por ambos, Joseph Smith e Paulo.

A Quinta Regra de Fé: Autoridade

O Sacerdócio é básico para o funcionamento do verdadeiro Evangelho de Cristo. A interpretação moderna da ordenação ao Sacerdócio é estabelecida na quinta Regra de Fé:

Regras de Fé	Referência nos Escritos de Paulo
1	II Coríntios 13:14
2	Gálatas 6:7; I Coríntios 15:22
3	Colossenses 1:19-20; Hebreus 5:9
4	Hebreus 6:1-2
5	I Timóteo 4:14
6	Efésios 4:11
7	I Coríntios 12:8-10
8	II Timóteo 3:16; II Cor. 13:1
9	I Coríntios 2:10-11
10	Hebreus 12:22; e I Tessalonicenses 2:19; 3:13
11	Romanos 2:14-16
12	Romanos 13:1,7
13	I Cor. 13:7, com Filipenses 4:8

"Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos, por quem possua autoridade para pregar o Evangelho e administrar as suas ordenanças."

Essa interpretação corresponderia às doutrinas da igreja primitiva? Sem dúvida. Paulo, que convertera Timóteo durante sua segunda viagem missionária, lembra a êste o Sacerdócio de que é portador e recorda-lhe como o havia recebido:

"Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério." (1 Timóteo 4:14)

Cada elemento de uma ordenação ao Sacerdócio é incluído nos passos descritos por Joseph Smith e Paulo. Afinal, quem poderia saber mais sôbre as verdadeiras linhas de autoridade no Sacerdócio do que êsses dois homens que o haviam recebido pela imposição das mãos de quem possuía a devida autoridade?

Sexta Regra de Fé: Ofícios do Sacerdócio

O Sacerdócio é devidamente organizado, tendo cada ofício e autoridade específicos seu respectivo lugar e responsabilidades. Paulo sabia disso pois levara muitos anos observando e estudando os apóstolos e portadores do Sacerdócio em ação, antes dêle próprio se tornar um grande líder cristão. Numa missiva a um de seus ramos favoritos, o de Éfeso, Paulo descreve a igreja como uma grande unidade, mas composta de muitas partes. Todo ofício sacerdotal é uma parte importante do todo, e uma passagem inclue o seguinte:

"E êle mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastôres e doutôres." (Efésios 4:11; na versão inglesa aparece o têrmo "mestres" (teachers) no lugar de doutôres. N.T.)

Compare-se êsse versículo com a sexta Regra de Fé:

"Cremos na mesma organização existente na Igreja Primitiva, isto é, apóstolos, profetas, pastôres, mestres, evangelistas, etc."

A similaridade e harmonia são óbvias. Êste é um dos casos em que o todo é maior do que a soma das partes.

Sétima Regra de Fé: Dons do Espírito

Outro caso envolve os dons do Espírito. É preciso que um homem tenha experimentado os milagres individuais do Espírito para apreciar e crer na imensidade do próprio Espírito. Na sétima Regra de Fé, Joseph Smith menciona seis dêsses dons do Espírito:

"Cremos nos dons das línguas, profecia, revelação, visões, cura, interpretação das línguas, etc."

Também Paulo enumera certos dons do Espírito. Sua lista contém nove dêsses dons, quatro dos quais estão especificamente incluídos nos mencionados por Joseph Smith:

"Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; e a outro a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de descernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas." (I Cor. 12:8-10)

Os dons da cura, profecia, línguas e da interpretação de línguas são mencionados por ambos. Os outros dois dons incluídos por Joseph Smith — dons das visões e revelação — são ambos intimamente relacionados aos dons restantes mencionados por Paulo, isto é, os dons da sabedoria, ciência e fé.

Décima Segunda Regra de Fé: Obediência à Lei

Consideremos agora a décima segunda Regra de Fé. A questão da desobediência civil era tão importante para os primitivos cristãos como o é hoje em dia, pois como os mórmons em Illinois, aquêles decidiram submeter-se a imperadores e magistrados, mesmo que importasse em morte, em lugar de desobedecerem às autoridades civis. Paulo admoesta os romanos que "tôda a alma esteja sujeita às potestades superiores" (Romanos 13:1), e "portanto dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem impôsto, impôsto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." (Romanos 13:7; em 1 Pe. 2:17, Pedro aconselha os santos da mesma maneira: "Honrai o rei"). A compatibilidade desta declaração com a décima segunda Regra de Fé é inegável:

"Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei."

Até aqui consideramos a primeira, quarta, quinta, sexta, sétima, décima segunda e décima terceira regras. Embora as Regras de Fé restantes não constem textualmente nas epístolas de Paulo, tôdas elas podem ser encontradas de forma indireta em todos os escritos dêle. Sem dúvida, será difícil descobrir algumas coisas: forçar as Escrituras a se enquadrarem em nosso padrão deve ser evitado. As expressões "Livro de Mórmon" e "neste continente (o americano)" serão difíceis de serem encontradas em qualquer texto grego do primeiro século. Mas as teorias fundamentais em que se baseiam todos os assuntos do Evangelho estão convincentemente presentes nas epístolas de Paulo.

Segunda Regra de Fé: Punição dos Pecados

A segunda Regra de Fé pode ser obtida combinando-se dois versículos paulinos. Esta regra declara:

"Cremos que os homens serão punidos pelos seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão."

Contém, portanto, pensamentos básicos: primeiro, o homem colherá o que semear; segundo, o homem não será punido pela queda de Adão. Ambas idéias são de Paulo.

"Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará." (Gal. 6:7)

"Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." (I Cor. 15:22)

Terceira Regra de Fé: Expiação e Obediência

A terceira Regra de Fé declara que o homem poderá viver eternamente por meio da expiação de Cristo e pela obediência às leis do Evangelho. Uma vez que êste é o tema principal de tôda mensagem de Paulo, seria possível escolher inúmeros versículos para ilustrar sua crença nos podêres redentores de Cristo e na importância da obediência em nossas vidas.

"Porque foi do agrado do Pai que tôda a plenitude nêle habitasse. E que, havendo por êle feito a paz pelo

John W. Welch, graduado pela Universidade Brigham Young, onde atualmente ensina Filosofia, foi missionário na Missão Alemã de 1966 a 1968. Trabalhou para o Serviço de Informações da Igreja e atualmente é professor da Escola Dominical da 30.ª Ala da 4.ª Estaca da BYU.

sangue de sua cruz, por meio dêle reconciliasse consigo mesmo tôdas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus. (Colossenses 1:19-20)

"E, sendo êle consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos que lhe obedecem." (Hebreus 5:9)

Oitava Regra de Fé: Tôda Revelação é Escritura

A oitava Regra de Fé declara a crença mórmon nas Sagradas Escrituras como sendo a palavra de Deus. Em sua segunda epístola a Timóteo, Paulo declara explìcitamente essa mesma crença:

"Tôda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça." (II Timóteo 3:16)

"Tôda Escritura" inclue tôdas as revelações passadas, presentes e futuras que o Senhor ordenou fôssem registradas. Certamente nem Paulo nem qualquer outro profeta tentaria limitar Deus asseverando que não poderia revelar nada mais a pessoa alguma. Uma pessoa que recebeu tantas revelações, como Paulo, teria na verdade grande motivo para crer e esperar que a comunicação com Deus também seria possível aos santos do futuro. Assim a nona Regra de Fé declara:

"Cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que êle revela agora e cremos que êle ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus."

Décima Regra de Fé: Coligação de Israel e Segunda Vinda

A décima Regra de Fé trata da coligação de Israel nos últimos dias e da gloriosa segunda vinda de Jesus Cristo. Ambos os temas predominam em muitas missivas de Paulo. Êle fala da Casa de Israel em todo o décimo e o décimo primeiro capítulos de Romanos, e da Nova Jerusalém em Hebreus 12:22. I Tessalonicenses acentua repetidamente a segunda vinda do Senhor (2:19; 3:13; 4:16; 5:2)

Décima Primeira Regra de Fé: Liberdade de Consciência

Finalmente, a décima primeira Regra de Fé assegura a todos os indivíduos o direito de adorar a Deus conforme os ditames de sua própria consciência. Paulo reconhecia a futilidade de forçar alguém a adorar a Deus. Compreendia também que a consciência do homem, independente de leis formais, o induziria a obras em Deus pelas quais seria julgado.

"Quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo êles lei, para si mesmos são lei; os quais mostram à obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os; no dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo." (Romanos 2:14-16)

Portanto, "deixando-os adorar como, onde, ou o que quiserem." O direito de adorar a Deus é sempre um privilégio pessoal.

Dessa maneira, tôdas as 13 Regras de Fé estão ìntimamente correlacionadas com passagens das epístolas de Paulo. Oito delas foram citadas quase que textualmente, enquanto as demais se relacionam precisamente quanto ao sentido. Os temas das Regras de Fé traduzem os assuntos principais dos escritos de Paulo. A obra de mestre realizada por Joseph Smith, condensando os ensinamentos de Paulo numa única página, reflete sua inspiração e eloqüente fé no Evangelho. Assim vemos as Regras de Fé da primitiva Igreja Apostólica restauradas nas experiências dos últimos dias de um profeta moderno.

O presente artigo não toma em consideração a cristologia de Paulo, nem a doutrina de salvação pela graça, nem seu "desdém pelas mulheres" — aspectos que tornaram a mensagem do apóstolo missionário excepcionalmente controvertida. Antes, procurou encontrar os princípios básicos do Evangelho nos escritos de Paulo. Deveríamos nos tornar cônscios do profundo impácto de Paulo sôbre a ideologia mórmon, tal como o somos da sua influência sôbre o fundamentalismo protestante.

A epístola aos Hebreus é incluída na coletânea das cartas paulinas pelas seguintes razões: embora bem pudesse ter sido escrita por outra pessoa, traz o nome dêle e foi provàvelmente por êle endossada. Os atuais discursos políticos, embora não sendo de próprio punho, costumam ser mencionados como discursos do presidente fulano ou do presidente sicrano. Quem teria sido êsse co-autor no caso de Paulo cria uma interessante questão especulativa. Clemente de Alexandria (150-215 AD), sustentava que Paulo redigira a epístola em hebraico e Lucas a traduzira para o grego. Seja como fôr, nos papiros Chester Beatty (um cânon do Nôvo Testamento, do segundo século da era cristã), a epístola aos Hebreus está em segundo lugar entre as missivas de Paulo, entre Romanos e I Coríntios.

ORGULHO

Paul R. Cheesman

Quando **Samuel, o lamanita,** admoestou os nefitas a se arrependerem, disse-lhes que sua destruição era certa porque:

"... **durante vossa vida buscastes coisas que não podeis obter e pretendestes a felicidade praticando iniqüidades, o que é contrário à natureza da justiça que está em nosso Grande e Eterno Senhor."** (Helamã 13:38)

As práticas iníquas dos nefitas incluíam o apêgo às coisas materiais do mundo como vestes e jóias suntuosas, explorar o próximo e considerar-se melhor que os outros.

Desde que a condição dos nefitas apóstatas era tão grave, os motivos da sua iniqüidade merecem ser investigados. Talvez conhecendo tais motivos poderemos evitar enganos futuros em nossa própria sociedade e em nossa vida privada. Pelo menos, **êste deveria ser um dos benefícios proporcionados pela história.**

Observe-se que Samuel explica que a meta da busca da felicidade era a motivação oculta dos atos iníquos dos nefitas apóstatas. Logo iriam aprender, de maneira dolorosa como Alma aprendeu e ensinou seu filho, que "iniqüidade nunca foi felicidade" (Alma 41:10)

Sem dúvida, tôda alma tem por objetivo alcançar a felicidade. O que leva alguns a procurá-la através do plano de Deus, e outros, embora talvez reconheçam que êste é o melhor caminho, a buscá-la através da influência perniciosa?

Néfi nos dá uma explicação do motivo da iniquidade de seu povo:

... **Devido ao orgulho de minha descendência e às tentações de Satanás, ela foi vencida pela de meus irmãos.** (1 Néfi 12:19)

Parece significativo que entre as inúmeras "tentações de Satanás", Néfi acentua o orgulho. Êste, de fato, é mencionado mais de sessenta vêzes no Livro de Mórmon em conexão com a apostasia.

O Senhor tem sempre abençoado aquêles que obedecem aos seus mandamentos. Isto faz parte do seu convênio com os mortais. Na verdade, somos duplamente abençoados quando guardamos suas leis: abençoados com a influência e orientação confortadora do Espírito Santo que habita em nós aqui na terra, e abençoados com a certeza de felicidade eterna no porvir. Mas, freqüentemente, ao recebermos bênçãos, cometemos o engano de orgulharmo-nos de nossos próprios dons em lugar de agradecer a Deus por tê-los dado. Como observou Joseph Smith, quando nos postamos perante as congregações da terra e pregamos com poder demonstrando o Espírito de Deus, é preciso ter cuidado a fim de não nos atribuirmos o mérito pelas palavras comovedoras, tornando-nos envaidecidos de nossa própria justiça. (Teachings of the Prophet Joseph Smith p. 155-56).

Não é fácil encontrar no homem demonstração de verdadeira humildade. A humanidade está empestada pela vaidade. Como é difícil pedir desculpas! Quantas vêzes deixamos de agradecer devidamente, achando talvez que admitir gratidão é colocar-se numa posição

Se pudermos esquecer o orgulho e o egoísmo, conseguiremos encontrar a paz e a felicidade ao procurarmos humildemente viver os mandamentos de Deus.

de inferioridade! Quão difícil é admitir que estamos errados! Não é fácil assumir a responsabilidade por nossas ações e palavras erradas. Não admira que o demônio lance mão da arma do orgulho para afastar o coração dos homens de Deus.

Como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, de que forma nos avaliamos entre os milhões de cristãos e não-cristãos do mundo? Somos realmente irmãos, ou arrogamo-nos uma falsa posição sôbre aquêles que não crêem como nós?

E quanto ao abismo entre as gerações? Será que os pais se julgariam desacreditados se admitissem que a nova geração está aprendendo mais e mais depressa do que a geração a que pertencem? E não haverá também alguns jovens que julgam saber mais do que seus pais em certas áreas nas quais sòmente a experiência paterna e Deus podem proporcionar orientação adequada?

Certos aspectos do movimento "hippie" refletem a rebelião contra a hipocrisia e carência de genuíno amor e espiritualidade no lar da sociedade atual. A busca dos "filhos das flôres" de um refúgio pacífico levou-os a caminhos errados, entretanto o objetivo continua desafiando a mente dêles. Tais movimentos entre os jovens não deveriam levar os pais a voltarem-lhes as costas inflamadas de orgulho, deveriam ajudá-los a tornarem-se mais conscientes da frustração da geração atual. Solidarizando-se com as necessidades dos seus filhos, poderão ajudá-los a satisfazerem-nas de maneiras mais produtivas.

Estamos realmente preocupados com a posição social? Haverá na Igreja certas rodas fechadas ou "clubes" cujo ingresso se baseia no orgulho? A Igreja, como se apresenta hoje em dia, com tôdas suas auxiliares, deveria preencher a maior parte das necessidades de cada membro se êle se dedicasse total e completamente ao programa, restando pouca necessidade de rodas e clubes extras. A atitude quanto aos nossos cargos e designações é de suma importância. Recentemente, um militar servindo num campo de batalha deu uma lição a todos os que estavam junto dêle. Ao ser convidado a orar numa reunião religiosa êle disse "muito obrigado".

A vida moderna apresenta outros exemplos de falso orgulho. Membros da Igreja freqüentemente se mostram "feridos" por gestos pouco diplomáticos de outros. Surge o orgulho provocando afastamento.

No Livro de Mórmon, quando grandes profetas conseguiam converter o povo com suas mensagens, êste prosperava. Mas a prosperidade material aparentemente sempre é um grande desafio à perspectiva, e o falso orgulho torna-se a fraqueza de um povo próspero. A história demonstra que quando aparece o orgulho, a geração nascente esquece os ensinamentos de seus pais, seguindo-se guerras e destruição. Esta história se repete seguidamente no Livro de Mórmon.

A velha máxima de que "a soberba precede a ruína" (Veja Prov. 16:18) parece ser a lição do povo nefita no Livro de Mórmon. Poderemos aprender da História ao escutarmos Néfi e Samuel, e esquecermos nosso orgulho e seu companheiro, o egoísmo? Nesse caso conseguiremos encontrar felicidade e paz ao procuraramos humildemente viver os mandamentos de Deus.

"A alva rompe... depois da longa escuridão." (Hinos, 179)

INICIAÇÃO

Reed H. Bradford

E **apedrejaram a Estêvão**... E também Saulo consentiu na morte dêle... E Saulo respirando ainda ameaças, e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo-sacerdote, e pediu-lhe cartas para Damasco para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém. E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, sübitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E êle disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões." (Atos 7:59; 8:1; 9:1-5)

Esta experiência modificou completamente a vida de Saulo. Subseqüentemente "nas sinagogas pregava a Jesus, que êste era o Filho de Deus." (Atos 9:20)

O correto discernimento do plano e desejos do Senhor para todos nós é semelhante a uma "iniciação" a uma nova vida — entramos numa espécie de "terra prometida" onde a vida é profusamente enriquecida. Nesta nova vida, em lugar de disputas existe produtiva cooperação. Cada pessoa desenvolve seus próprios dons e capacidade e depois os compartilha generosamente com os outros, e não se considera como uma entidade isolada, mas sim um membro de uma **família divina.**

"De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com êle; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com êle." (I Cor. 12:26)

Saulo, mais tarde Paulo, experimentou essa iniciação. Antes da sua conversão perseguia os santos; mas depois, prestou contínua devoção ao Salvador, aos seus princípios, à sua Igreja e no seu modo de viver. Ao término da sua missão terrena, Paulo disse:

"Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé." (II Timóteo 4:6,7)

Se ainda não experimentamos tal iniciação, o que poderíamos fazer para consegui-lo? Duas coisas são de suprema importância:

Primeiro, precisamos **querer** conhecer a verdade. Temos de estar dispostos a aventurarmo-nos numa contínua **procura,** buscando mais e mais conhecimento e esclarecimento durante tôda nossa vida.

Segundo, precisamos manifestar **fé** no Senhor Jesus Cristo, uma fé que nos levará a estudar, a cumprir seus princípios e a participar de suas **ordenanças salvadoras:**

"Se alguém quiser fazer a vontade dêle, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo." (João 7:17)

"E me oferecereis como sacrifício um coração quebrantado e um espírito contrito. E todo aquêle que a mim vier com um coração quebrantado e um espírito contrito, eu o batizarei com fogo e com o Espírito Santo..." (3 Néfi 9:20)

Nem todos nós teremos experiência idêntica à de Paulo, vendo uma **luz** e ouvindo a voz do Senhor. Nem tampouco provàvelmente veremos um anjo, como Alma viu; ou sêres divinos, como o Profeta Joseph Smith viu. Mas se cumprirmos aquêles dois requisitos, também poderemos eperimentar uma significativa **iniciação divina.** Encontraremos então uma nova espécie de maturidade espiritual, intelectual, emocional e social. Em nossa alma haverá paz, serenidade e alegria.

Assim, pois, apedrejaram a Estêvão, e enquanto o faziam êle clamou: "Senhor... recebe meu espírito." E, caindo de joelhos, prosseguiu: "Senhor, não lhes imputes êste pecado." (Atos 7:59-60) E após isto morreu. E Saulo estava entre os que aprovaram a morte dêle.

Há quem afirme que a oração de Estêvão contribuiu em muito para a conversão de Saulo. Por mais que tentasse, êste nunca conseguiu esquecer a maneira como Estêvão morrera.

Muito semelhantes aos sentimentos de Saulo são os do narrador da seguinte história anônima:

ANDY DRAKE *

Andy Drake era um menino meigo, inocente e engraçado de quem todos gostavam. Mas também o apoquentavam. Durante todos êsses anos passados, tenho-me perguntado **por que** agíamos assim. Seria porque a selvageria predomina sôbre o divino? Seria apenas estouvamento de nossa parte? Ou teríamos confundido nossas satisfações, achando que a exclusividade nas relações humanas é mais importante do que uma alma humana? Teríamos de certa forma concluído que uma imitação barata é mais valiosa do que um diamante?

Êle aceitava as zombarias de bom grado, retribuindo-as sorrindo com aquêles olhos enormes que pareciam dizer "obrigado" a cada pestanejar. Talvez estivesse dizendo: "Fico feliz mesmo com as migalhas da mesa." Quando qualquer um de nós do quinto ano precisava descarregar sua frustração, êle de bom grado pagava o preço exigido para pertencer ao nosso grupo.

Costumávamos cantar uma quadrinha zombeteira que alguém ideara para caçoar de Andy.

Como já disse, não sei por que Andy tinha que pagar êsse preço especial para poder pertencer ao nosso grupo. Não me recordo de que algum de nós jamais tenha mencionado que o pai de Andy estava na prisão ou que sua mãe trabalhava como lavadeira. Ou que algum de nós tivesse notado a tristeza e embaraço nos olhos dela quando encarava alguém. O esnobismo floresce muito cedo. Digo isto porque agora compreendo que nossa atitude provinha de acharmos que o resto de nós tinha o **direito** de pertencer ao grupinho enquanto que Andy estava ali por nossa **condescendência.**

Mas todos nós realmente gostávamos de Andy — isto é, gostávamos dêle até aquêle dia — até aquêle determinado momento. Nosso raciocínio ao tomarmos a decisão em questão é que "êle era diferente." "Nós não o queremos, não é?" alguém declarou. Quem teria sido? A princípio quis imputá-lo a Jeff. Mas não posso afirmar realmente que lembro de quem o tenha dito — quem proferiu aquelas palavras que touxeram à tona a selvageria dormente em todos nós. Não importa, pois o fervor com que **todos** aderimos àquelas palavras — revelou a cada um de nós.

Quando relembro agora os sentimentos de pesar e dor, recordo que costumava dizer a mim mesmo que na verdade não queria fazer o que fiz. Durante todos êsses anos tenho consolado a mim próprio com isso. Então, certo dia tropecei sôbre estas palavras importunas mas irrefutáveis: "Alguns dos mais ardentes cantos do inferno estão reservados para aquêles que, num momento crítico, se mantêm neutros."

Aquêle determinado fim de semana estava destinado a ser semelhante a tantos outros que o grupo desfrutara junto. Após o término das aulas na sexta-feira nos encontraríamos na casa de um de nós — desta vez na minha — preparando-nos para acampar num bosque próximo. Nossas mães, que se encarregavam da maior parte dos preparativos, sempre providenciavam uma sacola extra para Andy que se encontrava conosco depois de terminar suas tarefas.

Lá pela altura em que acampávamos, a dependência materna estava esquecida; éramos homens contra a selva. Os outros declararam que desde que eu naquele dia era como que o anfitrião, cabia a mim dizer ao Andy que não era benvindo, não fôra convidado. Eu, que há muito achava secretamente que Andy gostava mais de mim do que dos outros, pois sempre que me olhava parecia um cachorrinho nôvo tentando revelar tôda sua lealdade com os olhos. E eu o apreciava.

Ainda posso ver Andy aproximando-se pelo longo e sombrio túnel de árvores que filtravam apenas sufi-

ciente luz do entardecer para vislumbrar os desenhos cambiantes da velha camiseta de malha que usava. Montava sua velha bicicleta enferrujada — uma bicicleta de menina com pneus feitos de mangueira de jardim presos aos aros com arame. Parecia mais contente do que jamais o vira, aquêle garotinho que tivera de ser adulto durante tôda sua vida e que agora encontrara no grupo a primeira oportunidade de relaxar e divertir-se um pouco.

Acenou-me quando me viu de pé na clareira do acampamento. Ignorei seu cumprimento. Desceu da bicicleta e veio correndo em minha direção falando excitadamente. Os demais, escondidos dentro da barraca, mantinham-se em completo silêncio; mas quase que podia ouvir sua atenção e respiração.

Por que continua tão alegre? perguntei-me. Então êle não percebe que não estou retribuindo sua jovialidade?

Então sùbitamente êle percebeu; seu inocente semblante revelou-se ainda mais deixando-o totalmente vulnerável e expôsto. Tôda sua atitude parecia traduzir: "Vai ser muito duro, não é? Mas estou preparado." Sem dúvida, muito experiente em desapontamentos, êle nem sequer tentou pôr-se em guarda contra o golpe.

Incrèdulamente, ouvi-me dizer: "Andy, não queremos você conosco."

Ainda dolorosamente vívida é a assombrosa rapidez com que duas enormes lágrimas brotaram de seus olhos e lá ficaram. Digo "vívida" porque minha alma tem revivido milhões de vêzes aquela cena mortificante. A maneira com que me encarou — estático por um instante que parecia tôda uma eternidade — o que traduzia? Não era ódio. Talvez choque, incredulidade? Ou talvez fôsse pena de mim?

Finalmente, um pequeno, débil estremecido perpassou seus lábios, e voltou-se sem protestar. Tropeçou a princípio, meio aturdido. Depois correu para junto da bicicleta e foi-se embora a tôda pressa.

Quando entrei na tenda, um dêles — o último de nós a sentir a plena implicação do momento, suponho — começou a cantar a velha quadrinha. Sùbitamente calou-se em meio de uma palavra.

E então todos nos calamos. Foi unânime. Ninguém opinou, nada foi dito, mas todos sabíamos. Sabíamos que havíamos feito uma coisa horrível, cruelmente errada. Naquele instante senti na alma o impacto da palavra do Senhor:

Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um dêstes meus pequeninos irmãos... (Mateus 25:40)

Naquele exato momento sentimos um entendimento **nôvo** para nós mas indelèvelmente impresso em nossas almas. Havíamos martirizado um sêr feito segundo a imagem de Deus — — nosso irmão — — com a única arma contra a qual não tinha defesas — a rejeição.

O comparecimento irregular de Andy na escola tornou difícil dizer quando realmente a abandonou, mas um dia dei-me conta de que não mais estava lá. Fôra embora para sempre. O fato de que se fôra aumentou meu sofrimento milhões de vêzes. Após aquêle incidente, sempre que o via procurava evitá-lo. Agora compreendia que gastara tempo demais lutando comigo mesmo para chegar ao ponto de dizer-lhe como estava total e profundamente envergonhado. Perdera minha oportunidade de remediar o mal cometido. Agora sei que abraçar Andy e chorar com êle teria sido o bastante.

Nunca mais voltei a encontrar-me com Andy Drake, não faço idéia de onde possa estar. Nos quinze anos que venho lecionando em escolas públicas, tenho encontrado centenas de Andys, e todos êles parecem fitar-me com aquêle mesmo olhar obsessivo que se imprimiu indelèvelmente em minha alma naquele dia, há tantos anos. Minha consciência sempre sobreporá as feições de Andy em cada face humana à qual é negada uma oportunidade para sua realização divina. Pois eu agora sei como se sentem — como êle se sentiu — porque também eu, à minha própria maneira, sou Andy Drake.

Andy, a probabilidade de que você jamais venha a ler estas palavras é ínfima. Mas preciso tentar. A coisa pela qual oro, meu amigo de antigamente, é que você venha a saber do longo alcance do seu sacrifício. O que você sofreu nas minhas mãos naquele dia, Deus transformou e moldou em bênção. Êste conhecimento talvez sirva para amenizar a recordação daquele dia terrível.

Eu cometo muitos erros, Andy, e talvez não tenha sido um professor muito bom. Mas minha dor tem sido aliviada de duas maneiras. Lembro-me das palavras de Cristo.

Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, dêles não mais me lembro. (D&C 58:42)

Também quero que saiba que nunca mais martirizei um Andy Drake.

O autor recebeu esta história de Gerald Torgensen, um dos seus alunos, que é cego. Êste a recebeu de Steve Brinton. O autor é desconhecido.

A **irmãzinha de Gilberto** chorava a plenos pulmões deitada no berço:

— Posso pegá-la? — pediu o menino

— Oh não — retorquiu a mãe. — Você é muito pequeno. Ela pode cair.

Gilberto ficou triste. Já tinha três anos e achava que sabia tomar cuidado. Olhou em tôrno do quarto procurando algo para fazer. Logo estava trepando no carrinho do bebê. Mais uma vez a mãe interferiu.

pequeno demais, GRANDE DEMAIS

Sarah L. Johnson

— Não, não. Você é muito grande, pode quebrá-lo.

Gilberto estava desapontado. Seria tão engraçado andar de carrinho. Êle queria experimentar. Como não lhe foi permitido, foi para a cozinha. Decidiu que estava com sêde. Foi até o refrigerador, abriu a porta e ia pegar a jarra de leite.

— Deixe que eu pego, — disse a irmã. — Você é muito pequeno, poderia derramar o leite.

Sua irmã encheu um copo de leite e deu-o a Gilberto. Êle próprio gostaria de despejar o leite. Parecia tão fácil. Quando acabou de tomar o leite, quiz pôr o copo em cima da mesa. Mas êste escapou de suas mãos, e lá se foi, bem em cima do dedão. Gilberto começou a chorar.

— Oh, vamos lá — falou o pai. — Você já é muito crescido para chorar.

Gilberto não queria chorar, mas seu dedão estava dolorido e sentia-se infeliz. Esfregou os olhos, tentando evitar o chôro. Quando o bebê chorava, mamãe ou papai o pegavam e davam-lhe pancadinhas nas costas ou o embalavam. Sua irmãzinha estava chorando novamente agora mesmo. Mamãe foi ao quarto dela e voltou com o bebê nos braços. Sentou-se na cadeira de balanço, embalando o bebê aninhado em seus braços. Gilberto ficou olhando para sua ambas que balançavam. Gilberto queria ser embalado.

— Mamãe, me embala, — pediu. Por favor.

— Você está grande demais para ser embalado, — atalhou o pai.

Agora Gilberto sentia-se realmente infeliz. Muito grande! Muito pequeno! Grande demais! Pequeno demais! Estava todo confuso. Não conseguia mais reter as lágrimas. Correu para seu quarto, meteu-se debaixo da cama e começou a chorar baixinho.

Gilberto ouviu o pai sair de casa, mas não saiu de debaixo da cama. Notou que a irmã foi brincar com sua amiga, mas ainda assim não se mexeu. Ficou ali chorando mansamente.

De repente ouviu a voz da mãe falando suavemente: — Gilberto, eu amo você. — E ali estava mamãe agachada junto à cama.

— Venha cá, disse. — Eu gosto de você.

Gilberto arrastou-se para fora, caindo diretamente nos braços da mãe. Ela o levou para a cadeira de balanço, sentou-se com êle no colo, e começou a balançar.

— Gilberto, eu sei que você está infeliz neste momento. Você deve achar que sempre pensamos que é muito grande ou muito pequeno para tudo. Mas você tem o tamanho certinho para uma porção de coisas.

Conversaram sôbre as coisas para as quais Gilberto tinha o tamanho certinho: buscar alguma coisa para mamãe, juntar os brinquedos do bebê quando êle os jogava no chão, ajudar a pôr a mesa, pegar a toalha e roupas da irmãzinha quando mamãe a banhava, conversar com ela enquanto mamãe preparava a mamadeira.

A mãe deu um abraço apertado em Gilberto, dizendo:

— Querido, todos gostamos muito de você. Papai, sua irmã e eu o amamos, e também o Pai Celestial o ama. Estou certa de que foi por isso que êle o enviou a nós. Estamos tão contentes em tê-lo que lhe agradecemos por isso todos os dias. Você é exatamente como queríamos que fôsse.

— Mas eu queria ser grande, — comentou Gilberto.

— Você tem o tamanho certinho para nós agora, — explicou a mãe. — Mas você vai crescer, e logo estará grande bastante para fazer as coisas que agora ainda não pode. Logo, logo já poderá despejar o leite da jarra no seu copinho. Não demora poderá segurar sua irmãzinha. Pensando melhor, você já é grande bastante para isso agora mesmo.

Gilberto lançou seus bracinhos ao redor da mãe, dizendo: — Eu gosto tanto de você.

A mãe sentou Gilberto no sofá. Foi buscar o bebê deitando-o nos braços de Gilberto. Depois sentou-se ao lado dêle. O garotinho segurou a irmãzinha com muito cuidado, sorrindo encantado. Estava feliz por ter o tamanho certinho.

O Jovem Pastor

Helen Bay Gibbons

O **sol surgia,** subindo no céu límpido, quando Little Cricket viu pelas distantes lufadas de poeira lá embaixo no vale que sua mãe Sah-ni e o irmão mais velho Sitsosie estavam a caminho do pôsto comercial. Uma ovelha desgarrada baliu, forçando Little Cricket a correr para a ravina a fim de fazê-la retornar ao rebanho antes de poder olhar novamente a velha caminhoneta de entregas desaparecendo no longínquo deserto. Mais uma vez fôra deixado para trás.

Quando Little Cricket era bem pequeno — pequeno demais até mesmo para a modesta tarefa de apascentar ovelhas — êle costumava ir junto com a mãe e o pai ao pôsto comercial. Ainda sonhava com a excitação daquelas ocasiões, as riquezas de prata e turquesa, o cheiro e a visão das estranhas mercadorias nas prateleiras do entreposto. Agora o pai de Little Cricket estava morto, e sua mãe dependia de Sitsosie como o homem da família. Sitsosie era alto e quase tão forte como um homem, além de muito bem pôsto, enquanto que Little Cricket era franzino e baixo, e pensou consigo, de pouca valia para a mãe.

— Sah-ni precisa da minha ajuda no entreposto comercial, — Sitsosie jactara-se diante de Little Cricket. — É preciso ter bons músculos para levantar e colocar os fardos de farinha e feijão na caminhoneta. Você não tem bastante fôrça. Você serve apenas para guardar as ovelhas.

Lá no alto da encosta da montanha, seus olhos acompanhando o rastro de lufadas poeirentas, Little Cricket sentia-se triste pois também êle queria ser uma pessoa de valor, ajudar Sah-ni, porque ela era uma ótima mãe. Bem cedo naquela madrugada, antes do alvorecer, Sah-ni chamara Little Cricket para servir-lhe um

"...o rastro recente de um grande puma... a carcassa sangrenta de uma ovelha..."

prato de comida quente e fazer uma pequena oração antes de mandá-lo embora com as ovelhas.

— Que nosso "hogan" seja abençoado — orou, — esteja sempre cheio de paz. Para que haja paz à nossa frente e atrás de nós. Para que haja paz abaixo e acima de nós. Cheio de Paz em tôda parte ao redor de nós.

Little Cricket apreciava imensamente a velha oração que Sah-ni repetia freqüentemente. Mas ainda mais apreciava ouvir as orações dos missionários que às vêzes vinham ao "hogan" de Sah-ni para conversar. Êles o chamavam de "irmãozinho" e Little Cricket sempre pensava nas coisas maravilhosas que diziam. Falavam de um Grande Pai que havia feito tôdas as coisas — as montanhas, as estrêlas, as criaturas na terra — e que cuidava de tôdas elas, mesmo da menor das ovelhas ou dum pardal agonizante. Quando os missionários oravam, êles falavam diretamente ao Grande Pai, como se êste estivesse ali no "hogan": "Nosso Pai Celestial", diziam e, embora Little Cricket não conseguisse ver ninguém, sentia a presença do Grande Pai por um calor agradável em seu íntimo.

O rebanho de ovelhas agora continuava subindo a encosta enquanto pastava, seguido por Little Cricket que o observava cuidadosamente. Enquanto andava, perscrutava o vale com olhos semicerrados, mas a caminhoneta com seu rastro de pó não mais se avistavam. Parou junto à Grande Nascente a fim de que as ovelhas bebessem e descansassem um pouco antes da última subida escarpada até os pastos do platô superior, onde planejara ficar até que Sitsosie amanhã, de volta do entreposto comercial, o viesse render. Durante todo o verão os dois revezavam-se na tarefa de apascentar o rebanho para que Sah-ni tivesse lã para tecer cobertores e carne para o ensopado. Little Cricket não tinha mêdo de ficar sòzinho nas montanhas. Havia muito tempo já que ninguém mais vira animais selvagens de grande porte por ali.

Enquanto demorava-se com as ovelhas junto à Grande Nascente, examinou os sinais do chão. Foi quando descobriu as pegadas na terra úmida. Muito tempo atrás seu pai lhe ensinara como rastrear animais. Abaixou-se para examinar melhor aquelas pegadas incomuns, e sentiu vontade de sair correndo em busca de auxílio, pois era o rastro recente de um grande puma! Um pouco além, encosta acima, viu a carcassa sangrenta de uma ovelha, cujo pêlo e ossos ensanguentados mostravam que fôra abatida há pouco, talvez na última noite. A grande fera assassina escondia-se provàvelmente nas árvores junto às pastagens para onde estava conduzindo o rebanho. Com o coração descompassado Little Cricket sabia que precisava levar suas ovelhas montanha abaixo antes do anoitecer, antes que o puma as farejasse e voltasse para atacar novamente. Sentiu um calafrio ao lembrar-se de como Hosteen Yazzi dissera jocosamente a Sah-ni: "Little Cricket é tão pequeno que não dá nem um bom bocado para um puma."

Tropeçando por cima das rochas para espantar as ovelhas e pô-las em movimento, encontrou um cordeiro recém-nascido deitado debaixo de um arbusto, tão enfraquecido que não conseguia nem ficar de pé sôbre as patinhas vacilantes. Estava morrendo de inanição por lhe terem matado a mãe que o amamentava. Little Cricket não sabia o que fazer. Em alguma parte lá em cima espreitava um puma. Não tinha tempo a desperdiçar com um cordeirinho. Precisava se apressar. Contudo, refletiu, se mesmo o Grande Pai se preocupa com o menor dos passarinhos, eu também devo cuidar dêsse cordeiro agonizante.

Prestes a soluçar, êle o tomou em seus braços e continuou tropeçando pelas pedras, gritando para espantar as ovelhas e pôr aquêles animais modorrentos em marcha. O sol movia-se para o poente. As sombras se alongavam enquanto Little Cricket impelia as ovelhas pela poeirenta trilha abaixo, em direção ao vale. Elas baliam em protesto por serem forçadas a se apressarem, e o rapaz estava exausto por conduzí-las com aquêle fardo vivo em seus braços. Era quase noite quando afinal alcançou os seguros currais junto ao "hogan" paterno. Sah-ni e Sitsosie ainda não tinham voltado, mas Little Cricket sabia muito bem como alimentar um cordeiro esfomeado com leite morno de cabra no saquinho de couro feito por Sah-ni de forma que os cordeiros pudessem sugar. Depois acendeu o fogo no "hogan" e arrumou uma cama quentinha para o animalzinho.

Little Cricket havia salvo o cordeiro e também o rebanho de ovelhas da mãe. Talvez não fôsse preciso ser alto e forte para ser um filho digno de Sah-ni, e mesmo do Grande Pai. Na quietude da noite êle ouviu o ruído do escapamento da caminhoneta. Sah-ni estava chegando. Amanhã poderia arranjar alguns homens para rastrear e abater o puma.

Novamente sentiu aquêle calor confortador no coração. A oração matutina de Sah-ni fôra atendida. Tudo em redor estava cheio de paz.

Juventude

Marion D. Hanks
Assistente do Conselho dos Doze
Elaine Cannon

É **preciso que os jovens** se desenvolvam mental, física, espiritual e socialmente. Necessitam de tempo para meditar, tempo para jogar, competir e treinar. Precisam participar e expressarem-se, aperfeiçoar a mente e fortalecer o caráter, desenvolver os talentos e aprender a arte de liderar e a convivência social. É preciso que aprendam melhor a entender Deus, a servir seus semelhantes, a procurar, a esforçar-se, a persistir. Precisam trabalhar, suportar, sacrificar-se, amar. Precisam aprender a enfrentar frustrações, dificuldades e tentações eficientemente. E, o mais importante, necessitam identificar-se com metas significativas, com o comprometimento para com o Senhor, seu reino e sua causa.

Os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias crêem, como Paulo sugeriu a Timóteo, que precisam ser exemplos "dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza," e não desprezar "o dom que há" nêles. (I Timóteo 4:12,14)

Êles crêem também que a fé não é o suficiente. O conhecimento da verdade é indispensável para a salvação. Mas o conhecimento em si não levará o homem muito longe seja nesta vida ou na por vir. Mas a aplicação de elevados princípios sim. Por isso os programas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são cuidadosamente planejados para implementar os sublimes princípios do Evangelho e satisfazer as necessidades do indivíduo. Os membros envolvidos ativamente em todos os programas da Igreja recebem orientação e desenvolvimento em tôdas as fases e estágios de sua vida.

A juventude cresce espiritualmente. À esquerda, uma estudante polinésia aprende num laboratório. À direita, havaianos passam o sacramento. Abaixo, missionários visitam um hogan indígena.

A juventude cresce fìsicamente. À direita, mexicanos jogam "roundball". Abaixo, môças excursionam pelo campo.

A juventude cresce socialmente. Abaixo, a juventude sueca participa de um banquete.

Uma jovem descobre que a oportunidade de freqüentar a igreja e viver segundo os requisitos do Senhor é . . .

O Maior Privilégio

Marilyn McMeen Miller

A **caminho da Igreja** certa manhã de domingo, vi um grupo de rapazes jogando futebol no campo da escola. Vestindo calças e camisas velhas, estavam a gritar e gesticular excitados quando um componente do time conseguiu fazer um gol. Parecia um jôgo bastante animado — uma atividade maravilhosa para qualquer outro dia, menos domingo.

Eu conhecia diversos dos garôtos. Provinham de lares mórmons. Contudo estavam perdendo uma das maiores bênçãos da vida — o privilégio de irem à Igreja. Êles provàvelmente consideravam a religião uma restrição ou fardo, não um privilégio.

Lembrei-me do tempo em que sentia da mesma maneira. Mas depois houve uma ocasião especial em minha vida na qual aprendi quão grande é o privilégio de ser um santo dos últimos dias.

Quando ainda freqüentava a Escola Dominical Júnior, não me preocupava muito em guardar o dia do Senhor, ou quanto ao cumprimento das responsabilidades que minha família aceitara ao tornar-se membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Apreciei acompanhar meus pais ao templo para sermos selados, e gostava também da Primária. Mas não gostava das reuniões demoradas, de fazer discursos, jejuar e pagar o dízimo.

Na época em que nasceu meu irmãozinho vivíamos numa comunidade não-mórmon. Nosso sobrado de tijolos, típico da classe média, localizava-se num local incomum, entre os dois níveis extremos da sociedade — os pardieiros do bairro norte e as mansões dos abastados além do parque.

Eu estava tão ansiosa por fazer amizade com as crianças ricas que moravam nas belas casas além do parque que não conseguia pensar em nada mais. Quando uma menina de uma dessas famílias convidou-me a ir à sua casa, no domingo, para que seus pais nos levassem ao rancho, a fim de andarmos a cavalo, fiquei extremamente excitada. Nem cheguei a **pensar** que assim teria de faltar à Escola Dominical. Como fiquei desapontada quando minha mãe lembrou-me de que eu prometera ler a jóia sacramental na Escola Dominical naquele domingo.

Por que era obrigada a ir à Igreja? Por que tinha de ler a jóia sacramental? Por que nenhuma de minhas amigas era obrigada a ir à Igreja ou pagar dízimo ou jejuar ou fazer discursos? Antes de nos tornarmos membros da Igreja podíamos fazer como nos aprouvesse. Ressentia-me das restrições a nós impostas.

Minha mãe mostrou-se sensata e bondosa. Disse apenas: "Você não quer faltar à Igreja. É um dos maiores privilégios que você possue."

Eu não conseguia encará-lo dessa maneira. Mas quando telefonei à minha amiga, ela disse-me que iriam ao rancho todos os domingos à tarde, nas próximas semanas, e que quando estivesse livre poderia aparecer outro domingo qualquer.

Na semana seguinte nasceu meu irmãozinho. Minha mãe passou muito mal, ficando hospitalizada durante vários dias, entre a vida e a morte.

No fim das tardes nós, três meninas, acabávamos indo sempre para a entrada da casa enquanto anoitecia, andando pela cêrca e escutando o som de centenas de carros rodando pelo asfalto, à espera de meu pai. Quando êste chegava, sua face estava sempre triste e desanimada. Todos os dias aguardávamos ansiosamente as notícias sôbre mamãe. Eram sempre as mesmas — condição crítica.

Chegou a tarde de domingo. Hesitante enfiei minhas calças compridas e calcei botas enquanto olhava pela janela para o parque, esperando meu pai retornar do hospital. Finalmente chegou atravessando vagarosamente o gramado.

— Como vai mamãe? — indagamos baixinho, com mêdo de perguntar.

Papai não respondeu por uns instantes.

— Se nosso Pai Celestial a chamar — ponderou vagaroso — precisamos ter fé em que foi a decisão acertada.

— Mamãe irá embora para sempre? — indagou minha irmã.

Papai a tomou em seus braços dizendo:

— Mamãe nunca irá embora para sempre. É por isso que somos tão afortunados em sermos santos dos últimos dias. Fomos todos selados no templo, e isto quer dizer que mamãe estará sempre conosco. Ela poderá ir para perto do Pai Celestial por algum tempo, mas todos nós estaremos juntos para sempre. — Pude ver lágrimas marejando seus olhos — Somos tão abençoados por podermos estar junto do Pai Celestial e ter o privilégio de pertencermos à Igreja dêle.

Naquele momento lembrei-me dos olhos risonhos e sorriso bondoso de mamãe. Depois pareceu-me ouvir sua voz: "Você não quer faltar à Igreja. É um dos maiores privilégios que você possue."

Subi as escadas correndo para trocar as calças compridas e botas por minha roupa de domingo.

Naquela noite, ao tomar o sacramento, orei silenciosamente agradecendo ao Pai Celestial por estar ali, por ter o privilégio de poder participar do sacramento e de ser um santo dos últimos dias podendo assim ficar sempre junto da minha família.

Nunca orei tão ardentemente em tôda minha vida como naquela semana. Noite após noite, ajoelhada junto à cama, falava ao Pai Celestial prometendo-lhe que freqüentaria as reuniões sacramentais e pagaria o dízimo. Prometi-lhe que tentaria ser uma boa SUD se ao menos permitisse mamãe viver.

Fomos abençoados — mamãe recuperou-se. Mas eu fui duplamente abençoada, pois aprendi quão afortunada era sendo um santo dos últimos dias e tendo o privilégio de ir à igreja.

Limpo - que palavra maravilhosa

Richard L. Evans
do Conselho dos Doze

Existe uma palavra que encerra dentro de si algumas maravilhosas possibilidades para a paz pessoal, para a segurança, para o respeito próprio — esta palavra é "limpo". Mãos limpas, corações limpos, lares limpos; água limpa, ar limpo, roupas limpas — mentes limpas, moral limpa — que mundo maravilhoso! A mente tão freqüentemente segue o ambiente — e o ciclo se reverte à medida em que o ambiente segue a mente. Podemos dispor de uma perspectiva promissora em quase tudo, se nos comprometermos com a pureza, em ser limpos. "Há uma beleza inerente a tôda môça," disse o Presidente McKay, "um dom de Deus, tão puro como a luz do sol, tão sagrado como a própria vida. É a beleza que todos os homens amam, uma virtude que cativa a alma de todo homem. Esta beleza é a castidade... A mulher bela, modesta e casta é a obra-prima da criação." "...Andai em Espírito" disse Paulo," e não cumprireis a concupiscência da carne... o fruto do Espírito é caridade, gôzo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé..." (Gal. 5:16, 22) "Deixemos que nossos pensamentos, palavras, trajes e conduta geral mostrem nossa crença na santidade do corpo como templo de Deus," disse Hugh B. Brown, "como Paulo declarou deverá ser: 'Pelo que saí do meio (do mundo) ... e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei, e eu serei para vós Pai e vós sereis para mim filhos e filhas..." (II Cor. 6:17, 18) O mal não é limpo. Êle se associa com mentes impuras, moral impura, atitudes impuras, atmosfera impura. Que a "pureza vem logo após a santidade" não é apenas um velho adágio de John Wesley mas um fato real a encarar: pureza mental, pessoal, no trajar, no falar. Não importa apenas em "fortalecimento por ser limpo", mas em paz e segurança e respeito próprio. A juventude pode atingir a mais elevada altura se comprometer-se consigo mesma a ser limpa. "Quão gloriosa e próxima aos anjos é a juventude pura, declarou a Primeira Presidência. Deus nos ajude a comprometermo-nos a ser limpos.

A Arte de Inquerir

Stanley M. Grabowski

Os **professôres sempre** empregaram perguntas como importante recurso didático, tanto para expor o assunto quanto para verificar o conhecimento dos alunos. Os bons professôres são geralmente aquêles que dominam a arte de formular perguntas. O mestre experiente sabe como formular as perguntas que provocarão interêsse e curiosidade nos alunos, focalizarão a atenção dêstes num tópico, estimularão debate, orientarão o seu modo de pensar e a sua aquisição de fatos e de opiniões.

A resposta de um aluno depende do tipo de pergunta feita, e da maneira como é formulada; ambos são importantes. Primeiro, consideremos diferentes tipos de questões:

1. A pergunta **inquisitiva.** É o tipo mais simples, comumente empregada para obter informações ou testar o conhecimento dos alunos. A maioria das perguntas dêsse tipo começam por uma das quatro palavras que todo repórter aprende primeiro — o que, onde, quem, e quando. Eis uns poucos exemplos: "Quem foi Jesus?", "Onde fica a Terra Santa?" "O que é um mandamento?"

2. A pergunta **ampliadora** é empregada para apresentar informação adicional. Serve para chamar atenção para certos pontos que podem ter sido descurados. Tais perguntas podem começar por têrmos tais como: "O que mais...?, "Por quê?" ou "Por que não?"

3. A pergunta **justificadora** é uma maneira de desafiar velhos conceitos e desenvolver novos. **Por que?** e **como?** usualmente introduzem êsse tipo. Por exemplo: "Por que os cristãos guardam o domingo?", ou "Como sabemos que a Bíblia é a palavra inspirada de Deus?"

4. A pergunta **cordenadora** tem sua maior aplicação para dirigir e canalizar o modo de pensar dos alunos. Pode também ser empregada para chegar-se a um entendimento em grupo. "Podemos concordar que o Sermão da Montanha é aplicável hoje em dia?" e "Como seria possível combinar os conceitos expressos por Ana e Alberto?", são exemplos de perguntas coordenadoras.

5. A pergunta **hipotética** ou "faz-de-conta" é às vêzes usada para apresentar novas idéias criadoras. Começa freqüentemente com **se** ou **suponha.** Por exemplo: "Se o mundo fôsse acabar amanhã, o que fariam?"

6. A pergunta **alternativa** destina-se principalmente a avaliar duas ou mais possibilidades a fim de chegar-se a uma decisão. Estas perguntas geralmente começam com "Qual dos...?" ou "Quais dêsses...?"

Escolher e formular uma pergunta é apenas meio caminho andado. O professor deve ainda decidir a quem fazê-la. Existem bàsicamente três maneiras possíveis de endereçar uma pergunta:

Primeiro, a pergunta **indireta,** lançada ao acaso à classe inteira em lugar de a determinada pessoa. A res-

posta é oferecida voluntàriamente. Êste tipo induz a classe inteira a pensar não causando dificuldade a determinado aluno.

O segundo tipo de aproximação é a pergunta **direta, dirigida** a determinado indivíduo, chamando-o pelo nome. Note que a pergunta é formulada primeiro, acrescentando-se o nome depois. Obedecendo a esta ordem mantém-se todos os alunos alerta, o que não acontece quando se coloca o nome no princípio. Uma pergunta direta é proveitosa para induzir um aluno que se omite a participar do debate.

A terceira forma de lançar perguntas é **devolver** ou **re-dirigir** uma pergunta (pode ser empregada como base de debate) ao aluno que a fêz, ou a outro, ou à classe inteira. Quando a pergunta é re-dirigida a outro aluno ou à classe inteira pode também ser chamada de pergunta de **revezamento.** Uma forma de re-dirigir uma pergunta é dizer mais ou menos o seguinte: "Por favor, o que você pensa a respeito, Rita?"

Existem outros pontos que o professor deve ter em mente ao formular perguntas: tôda pergunta deve ser tão simples e concisa quanto possível; deve brotar de questões e respostas anteriores; deve estar dentro da capacidade dos alunos.

Além de saber que tipo de pergunta usar, como formulá-la, e a quem dirigir, a arte de perguntar inclui o tom de voz, expressão facial e maneirismos apropriados para cada uma. Êsses fatôres podem influenciar a confiança e entendimento dos alunos.

Há ainda uma importante dimensão final na comunicação com os alunos — esta é **escutar.** Para se compreender os alunos escutar é tão importante quanto perguntar.

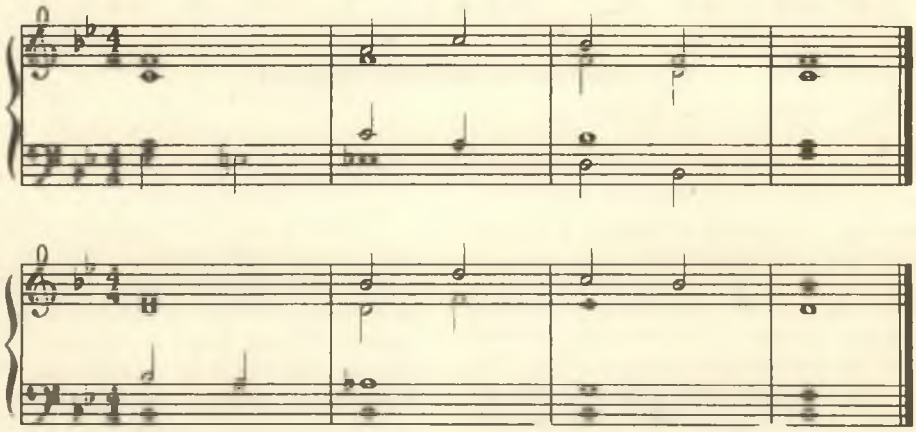
Escutar realmente significa prestar atenção para entender palavras, sentimentos, atitudes e motivos por trás das palavras que os alunos empregam para expressar-se e responder as perguntas. Êstes são indícios para compreender a interpretação pessoal dos alunos dos têrmos por êles empregados.

O professor poderá demonstrar que está escutando concordando com movimentos da cabeça ou comentando "sim, prossiga". Reformular a resposta do aluno e resumir seus comentários é outra forma de escutar atentamente.

Saber formular perguntas e escutar com atenção não resolverá todos os problemas enfrentados pelo professor numa classe, mas para um mestre bem preparado essas técnicas serão de grande ajuda.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais

DELMAR H. DICKSON



Jóias Sacramentais

Escola Dominical Júnior:

"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." João 8:32

Escola Dominical Sênior:

"E criou Deus o homem à sua imagem." Gênesis 1:27

No exemplo paterno, os filhos descobrem o mais forte padrão de conduta.

Dale Kilbourn

"Faça como eu Faço"

Monroe e Shirley Paxman

Albert Schweitzer, renomado organista e respeitado médico tropical, teria dito:

"O exemplo não é a coisa **principal;** é a **única** coisa. "Para vermos como isto se aplica aos pais, consideremos uma interessante experiência feita na Universidade Brigham Young por um estudante graduado em desenvolvimento infantil. Aponta quão grande é a tendência infantil de seguir o exemplo **visual** dado por adultos em vez do exemplo **verbal.** O pesquisador realizou uma experiência na escola maternal a fim de verificar o quanto as crianças seriam influenciadas pela conduta da professôra em comparação com suas instruções verbais.

A professôra colocou dois vidros com balas sôbre a mesa, na frente das crianças. De tempos em tempos, enquanto falava com os alunos, tirava uma bala de um dos vidros pondo-a na bôca, depois oportunamente, tirava-a da bôca, jogando-a no cêsto de papéis. Enquanto procedia assim, afirmava com voz gentil, convincente: "Como é gostosa esta bala! Tem um gôsto delicioso!", e assim por diante.

Sempre que apanhava uma bala do outro vidro dizia: "Ó que bala horrível. Tem um gôsto esquisito. Não gosto nada destas balas." Êsses comentários eram acompanhados de caretas. Mas ao mesmo tempo continuava tirando balas do segundo vidro, chupando-as todinhas. As crianças observavam tudo sem comentar. Mais tarde, durante a mesma aula, a professôra ofereceu às crianças balas dos dois vidros. Quase que sem exceção estas aceitaram balas do segundo vidro — que a professôra taxara de ruíns, mas chupara. Elas rejeitaram as balas do primeiro vidro — às quais a professôra elogiara mas **jogara fora.**

Esta pesquisa confirma o que muitos pais descobriram por si, às vêzes com pesar e embaraço. Dizer às crianças quão abençoado é quem serve a humanidade através do trabalho na Igreja poderá provocar reações de "primeiro vidro" se, na realidade, os pais negligenciam designações da Igreja e reclamam da maneira como ali se fazem as coisas. E doces palavras de aprêço na presença de oficiais da igreja poderão levar as crianças a "apanhar" atitudes de respeito e gratidão, observando-as superficialmente; mas essas mes-

Se os pais apreciam a leitura, os filhos se interessarão por ela.

mas virtudes poderão ser fàcilmente jogadas no cêsto de papéis usados se os pais reclamam do mesmo oficial em suas conversas privadas no lar.

Como os pais poderiam demonstrar que o trabalho é uma bênção?

Quando os pais falam da sua juventude, alardeiam o quanto tinham de trabalhar então? Tal jactância freqüentemente nada mais é do que uma queixa mal velada. Dizer às crianças como são afortunadas por não terem de trabalhar tanto quanto seus pais precisaram encerra claramente a mensagem: livrar-se do trabalho é uma bênção. Em têrmos da experiência da professôra, o dito pai inadvertidamente apresenta uma reação "cêsto de lixo". A maneira positiva de abordar o trabalho é com entusiasmo e alegria, aparentar, sentir e expressar satisfação. Por que então certos pais preferem projetar uma imagem de mártir quanto ao serviço na Igreja ou à sua ocupação profisional? Não estarão assim promovendo o conceito de que aquêles que trabalham fazem um **sacrifício?** Será o sacrifício de trabalhar mais abençoado do que a satisfação proporcionada pelo trabalho? A atitude e exemplo dos pais é que determinará a diferença.

Quando os pais servem apenas da bôca para fora, qual o resultado?

Anos atrás uma côrte juvenil enfrentou um caso excepcionalmente inquietante. Uma adolescente estava sendo processada por furto numa loja, mas o fato chocante da denúncia era que sua mãe fôra acusada de furto idêntico na mesma ocasião. A mãe chorosa declarou: "Estou tão envergonhada. Não imaginava que minha filha percebera. Mas não sou de todo má — tenho tentado ser boa mãe. Nós freqüentamos a igreja e sempre procuramos orar em família."

O funcionário encarregado de acompanhar a conduta dos indiciados em período probatório estremeceu e mais tarde comentava abanando a cabeça: "Talvez tenhamos que mudar o lema: 'A família que ora junto — furta junto!" Por mais que um incidente dêsses choque nossa sensibilidade, talvez fôsse sensato os pais examinarem o exemplo da sua vida em comparação com a devoção **expressa** ao princípio. A ênfase dada por aquela mãe à religião e à oração foi positiva, mas com seus atos minou terrivelmente as virtudes representadas pela igreja.

Nenhum genitor iria plantar intencionalmente uma idéia má ou exemplo inconveniente numa criança, mas omissões e fraquezas transmitem, infortunadamente, vigorosas mensagens educativas. As atitudes expressas pelos pais quanto à moral sexual podem ser as melhores, mas se mostrarem vivo deleite, rindo ao contar ou ouvir histórias acêrca da promiscuidade, os filhos poderão reagir como as crianças perante o segundo vidro de balas, das quais a professôra afirmou não gostar, mas aparentemente chupou com prazer.

Muitos pais se queixam: "Por que as crianças não gostam mais de ler?" Seria melhor que tais pais fôssem vistos lendo com prazer. Comentários entusiastas de um dos pais acêrca da alegria, excitação e satisfação de um bom livro conseguem mais do que incitar uma criança a ler, **se** esta observar atos concretos acompanhará as palavras. Os pais que **apreciam** o trabalho na Igreja, boa música, literatura, artes, teatro, Escrituras, passatempos criativos — a vida do Evangelho — estão ligados à melhor das fontes de poder para influenciar seus filhos — o poder do exemplo.

No mês passado apresentamos nesta página dados numéricos sôbre o crescimento verificado na área da Missão Brasileira durante os dois primeiros meses de 1970. Foram quase quinhentos os que ouviram a palavra do Senhor e a praticaram recebendo o batismo, "por quem tem autoridade", filiando-se à Igreja dêle. A êstes, o mês de março viu somarem-se outros 236, juntamente com quem os outros doze mil santos dessa área se regozijam no reino do Pai, restabelecido nestes últimos dias sôbre a face da terra para a redenção dos Eleitos. Espera-se que com a nova ênfase do Projeto Templo, êsse número cresça ainda mais.

Novos Progressos

no trabalho missionário

ALAS/ESTACAS RAMOS/DISTRITOS	BISPOS/ PRESIDENTES	MISSIONÁRIOS Est./Distr. MAR	MISSIONÁRIOS Integral MAR	CONVERSÕES MAR	CONVERSÕES Total
Ala III — S. Amaro	Wilson S. Netto	—	6	4	28
Ala IV — Pinheiros	Benjamim O. de Almeida	—	6	3	15
Ala V — Pinheiros	Júlio Klappoth	2	6	4	11
Ala VI — Perdizes	Mituo Ikemoto	1	6	11	24
Ala VII — Casa Verde	Georgios H. Orfanos	1	4	2	8
Ala VIII — Santana	Mitsuru Kikuchi	2	10	15	52
Ala IX — V. Maria	Gentil de Souza	1	4	4	12
Ala X — Penha	José Maria R. Filho	—	8	11	22
Sorocaba	Nelson de Gennaro	—	4	6	36
Lapa	Oswaldo S. Camargo	—	4	1	9
Osasco	João M. de Souza	—	2	—	11
ESTACA SÃO PAULO	**WALTER SPÄT**	**7**	**60**	**61**	**228**
Ala I — Vila Mariana	José G. Galhardo	4	8	18	62
Ala II — B. Saúde	Antônio Andreolli	4	8	13	37
Ala XI — Moóca	Wagner dos Santos	6	10	11	33
Mauá	Victor V. Vespolli	—	4	—	—
Santos	Joaquim Martinez	4	4	12	37
Santo André	Saul M. de Oliveira	4	8	7	37
São Bernardo	Walfrido A. Silveira	2	4	5	8
São Caetano	Antônio J. Pádula	4	2	4	6
São Vicente	Armando Jekabson	5	2	4	25
Gonzaga	Geraldo L. Nogueira	—	4	3	6
ESTACA SÃO PAULO LESTE	**HÉLIO DA R. CAMARGO**	**33**	**54**	**77**	**251**
Campinas I	Geraldo C. Pereira	—	2	5	6
Campinas II	Eduardo C. Nalli	—	2	4	7
Campinas III	Álvaro Cunha	—	2	6	12
Campinas IV	Jesus P. Busto	—	2	6	10
Jundiaí	Francisco Ribeiro	—	2	—	—
Piracicaba	Daniel Jensen	—	2	2	2
Rio Claro	Eric Anderton	—	2	2	4
São José dos Campos	Expedito J. Saraiva	—	2	—	3
DISTRITO DE CAMPINAS	**Evaldo Martins**	—	**16**	**25**	**44**
Araraquara	Geraldo de Mendonça	—	4	4	9
Baurú	Steven Dickson	—	4	4	8
Marília	Wayne Wakumoto	—	2	1	1
Ribeirão Preto	Orivaldo dos Santos	—	4	8	23
DISTRITO DE ARARAQUARA	**Jalal Samaha**	—	**14**	**17**	**41**
Araçatuba	Jair de Oliveira	—	4	10	15
Pres. Prudente	Randall Cox	—	2	—	—
São José do Rio Preto	Oscar de Oliveira	—	4	—	3
DISTRITO DE ARAÇATUBA	**Horácio Saito**	—	**10**	**10**	**18**
Apucarana	José G. Testa	—	2	1	8
Londrina	João Finardi	—	4	—	2
Maringá	Ciro L. da Silva	—	2	2	7
DISTRITO DE LONDRINA	**Günther Salik**	—	**8**	**3**	**17**
Curitiba I	Leonardo Taparoski	—	6	14	38
Curitiba II	Jason Garcia de Souza	—	4	14	26
Curitiba III	Levy Gaertner	—	4	5	10
Curitiba IV	Ismael Cordeiro, Jr.	—	4	10	29
Ponta Grossa	Rosaldo Gaertner	—	4	—	27
DISTRITO DE CURITIBA	**Waldemar de Lima**	—	**22**	**43**	**130**
MISSÃO BRASILEIRA	**SHERMAN H. HIBBERT**	**40**	**184**	**236**	**729**

Um Templo no Brasil?

R. Kent Mathews

"**Os templos** continuarão a ser erguidos enquanto crescer o reino," disse um dos doze apóstolos atuais da Igreja, Legrand Richards, apontando-nos a grande oportunidade de sermos abençoados com um templo no Brasil se, através do trabalho missionário, o número de membros continuar a crescer.

Para alcançarmos esta bênção, é preciso que mostremos a Deus, nosso Pai, o quanto desejamos um templo e que realmente o merecemos, fazendo tudo quanto pudermos para guardarmos os mandamentos e partilharmos o Evangelho Restaurado, trazendo parentes e amigos às reuniões e atividades da Igreja e testemunhando-lhes as bênçãos que recebemos como membros da Igreja verdadeira. Ao procedermos assim, estaremos criando condições para que tenhamos breve um templo suficientemente próximo para o visitarmos com freqüência, o qual será um capital auxílio para atingirmos nossa meta eterna — um lugar sagrado onde poderemos nos casar para o tempo e a eternidade; onde nossos filhos poderão ser selados para sempre a nós; onde poderemos oficiar batismos pelos nossos ancestrais que não tiveram a oportunidade de serem batizados enquanto vivos.

O mapa anexo mostra as três regiões de atividades da Igreja no continente sul-americano: na primeira, que abrange a Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Bolívia, a Igreja mantém três missões e uma estaca (Lima), com cêrca de 22.000 membros. A segunda corresponde às três missões e às duas estacas brasileiras, com 35.000 membros. A terceira cobre o Chile, Paraguai, Uruguai e Argentina, compreendendo cinco missões, duas estacas (Buenos Aires e Montevidéu) e 47.000 membros. Cada uma destas regiões representa o sítio provável do primeiro templo sul-americano, a ser determinado pela região que mais depressa se preparar para recebê-lo.

Estabelece-se assim uma competição difícil: A Argentina, e os países que com ela formam a terceira região, tem uma vantagem de 12.000 membros sôbre as missões brasileiras, e a região encabeçada pelo Peru, embora tenha 13.000 membros a menos que o Brasil, cobre áreas de grande valor histórico e religioso relacionado com o Livro de Mórmon. Se o primeiro templo sul-americano fôr edificado na Bacia do Prata ou nos Andes, até quando teremos que esperar pelo segundo?

Diante dêste quadro, é fácil constatar que sòmente uma decidida atuação dos membros brasileiros poderá aumentar a possibilidade de o Brasil vir a ser a sede do primeiro templo sul-americano. Com êsse fim foi criado o PROJETO TEMPLO: através dêste projeto, cada membro terá a oportunidade de trazer parentes e amigos às reuniões e atividades da Igreja. A meta é **dobrar o número de membros no Brasil,** de 35.000 para 70.000, **nos próximos seis mêses,** sendo necessário que para isso os membros se disponham a trabalhar para quase que decuplicar o atual número de batismos mensais.

Os primeiros resultados positivos já começam a se mostrar nos grandes **posters** espalhados por tôdas as alas e ramos na área da Missão Brasileira. Aos contornos do templo que exibem, são acrescentados tijolos simbólicos: dourados para cada pessoa batizada, verdes para cada convidado que compareça a uma reunião ou atividade. O suspense cresce à medida que os edifícios vão-se recobrindo de tijolos verdes e dourados, numa nervosa antecipação dos dias futuros em que tijolos verdadeiros erguerão em nossa terra o tão desejado edifício sagrado.

A Poesia do Trivial

Richard L. Evans
do Conselho dos Doze

O eminente médico canadense William Osler expressou um pensamento focalizando as funções rotineiras, que chamou a "poesia do trivial". "Nada o sustentará com mais vigor," disse, "do que o poder de reconhecer na rotina banal,... a verdadeira poesia da vida — a poética do trivial, do homem comum, da simples mulher desgastada pelo trabalho, com seus amores e alegrias, suas tristezas e pesares." Freqüentemente ressaltamos o encanto do incomum, do exagerado, do artificial, mas o mundo vai adiante, dia a dia, pelo honesto e perseverante esfôrço da gente comum, conscienciosa, enfrentando seus problemas, pagando dívidas, cuidando das crianças, dos enfermos, uns dos outros, desempenhando funções essenciais, executando bem o seu trabalho, e sempre lutando contra o desalento. E sem êsses maravilhosos obreiros do que precisa ser feito, êste mundo não seria muito boa coisa. As máquinas nunca podem substituir inteiramente essa gente laboriosa, pensante, conscienciosa e fiel. O encanto ou ociosidade nunca poderão tomar o lugar do trabalho árduo do mundo, do realizar o que necessita ser feito hoje. "Se você fizer seu trabalho com tôda honestidade," disse Phillips Brooks, "estará fazendo uma contribuição tão genuína ao... bem universal como o mais brilhante dos trabalhadores... Ó, ponha mãos à obra e faça seu trabalho... com disposição e amor... profundamente devotado à (sua) tarefa e contudo... profundamente grato pela obra que outros estão realizando... que tudo possa alcançar a excelência, que todo homem dê o melhor de si na ocupação que lhe cabe..." Saber o que tem de ser feito, e então executá-lo, não é apenas essencial, mas muitas vêzes heróico à sua própria maneira. Agradeçam a Deus pelos sinceros e maravilhosos homens, mulheres e crianças que executam bem e honestamente tudo o que têm de fazer todos os dias, a despeito das dificuldades e desapontamentos; pela gente conscienciosa, pelas coisas simples, pelos deveres rotineiros — pelo trabalho bem feito — pela "poesia do trivial."